



VALQUIRIA APARECIDA DE SOUZA

**TRAJETOS DE VIDA DE UMA EDUCADORA E PESQUISA
AUTOBIOGRÁFICA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO
CONTINUADA E A IDENTIDADE DOCENTE**

**LAVRAS/MG
2025**

VALQUIRIA APARECIDA DE SOUZA

**TRAJETOS DE VIDA DE UMA EDUCADORA E PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA:
REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA E A IDENTIDADE DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador

Vanderlei Barbosa

**LAVRAS/MG
2025**

VALQUIRIA APARECIDA DE SOUZA

**TRAJETOS DE VIDA DE UMA EDUCADORA E PESQUISA: REFLEXÕES PARA A
FORMAÇÃO CONTINUADA E A IDENTIDADE DOCENTE**

**AN EDUCATOR'S LIFE PATHS AND AUTOBIOGRAPHICAL RESEARCH:
REFLECTIONS ON CONTINUING EDUCATION AND TEACHING IDENTITY**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 30 de abril de 2025.

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa– UFLA

Profa. Dra. Letícia Mendonça Lopes Ribeiro– UFLA

Prof. Dra. Ellen Maira de Alcântara Laudaes - GAMMON

Vanderlei Barbosa
Orientador

LAVRAS/MG

2025

**Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração
de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

de Souza , Valquíria Aparecida.

Trajeto De Uma Vida De Uma Educadora E Pesquisadora: : Reflexões para a
formação continuada e a identidade docente / Valquíria Aparecida de Souza . - 2025.
84 p.

Orientador: Vanderlei Barbosa

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2025.
Bibliografia.

1. formação de professores. 2. educação continuada. 3. método de aprendizagem. 4.
autoavaliação. I. Barbosa, Vanderlei . II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

RESUMO

Esta dissertação investiga a relevância da pesquisa autobiográfica como trilha para a formação continuada de professores, enfatizando o auto estudo na construção da identidade docente e na qualificação da prática pedagógica. O objetivo principal é compreender de que modo a trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica de uma educadora pode contribuir para a valorização do auto estudo como instrumento fundamental na formação continuada docente. A pesquisa fundamenta-se em estudos que destacam o papel das narrativas autobiográficas na consolidação da identidade docente. A reflexão sobre a própria trajetória permite aos professores compreenderem suas experiências e desafios, favorecendo um processo contínuo de formação e autodescoberta. Além disso, a abordagem autobiográfica possibilita uma análise crítica do contexto sociocultural e institucional que influencia a prática docente, ampliando a percepção dos profissionais sobre seu papel na educação. Os resultados demonstram que as narrativas autobiográficas são fundamentais para que os professores desenvolvam uma consciência mais profunda acerca de suas práticas pedagógicas. Essa reflexão favorece não apenas o aperfeiçoamento profissional, mas também uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais que impactam a educação. Apesar das contribuições positivas, a pesquisa também aponta desafios no uso da abordagem autobiográfica. Quando utilizada isoladamente, essa metodologia pode enfatizar excessivamente a dimensão subjetiva da formação docente, deixando de considerar fatores externos, como as políticas educacionais e as condições de trabalho. Assim, torna-se essencial complementar a reflexão autobiográfica com outras abordagens que ampliem a compreensão da complexidade da prática pedagógica. Por fim, este estudo evidencia que a formação docente não deve se restringir a um modelo exclusivamente técnico e acadêmico, devendo também valorizar a dimensão subjetiva e reflexiva do professor. Ao revisitar suas histórias, os educadores não apenas aprimoram suas práticas, mas também fortalecem sua identidade profissional, tornando a educação um processo mais consciente, inclusivo e transformador.

PALAVRAS-CHAVES: formação de professores; educação continuada; método de aprendizagem; autoavaliação.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relevance of autobiographical research as a pathway for the continuing education of teachers, emphasizing self-study in the construction of teaching identity and the improvement of pedagogical practice. The main objective is to understand how the personal, professional, and academic life trajectory of an educator can contribute to valuing self-study as a fundamental tool in teacher professional development. The research is grounded in studies that highlight the role of autobiographical narratives in consolidating teacher identity. Reflection on one's own trajectory allows teachers to understand their experiences and challenges, fostering a continuous process of professional development and self-discovery. Moreover, the autobiographical approach enables a critical analysis of the sociocultural and institutional context that influences teaching practice, broadening professionals' perception of their role in education. The results demonstrate that autobiographical narratives are essential for teachers to develop a deeper awareness of their pedagogical practices. This reflection promotes not only professional improvement but also a broader understanding of the social dynamics that impact education. Despite its positive contributions, the research also points to challenges in using the autobiographical approach. When used in isolation, this methodology may overly emphasize the subjective dimension of teacher education, failing to consider external factors such as educational policies and working conditions. Thus, it becomes essential to complement autobiographical reflection with other approaches that expand the understanding of the complexity of pedagogical practice. Finally, this study shows that teacher education should not be limited to a purely technical and academic model but should also value the subjective and reflective dimension of the educator. By revisiting their life stories, teachers not only enhance their practices but also strengthen their professional identity, making education a more conscious, inclusive, and transformative process.

KEYWORDS: teacher training; continuing education; learning method; self-assessment.

INDICADORES DE IMPACTO

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação possui impactos significativos nos âmbitos social, educacional e cultural, contribuindo para a valorização da pesquisa autobiográfica como suporte para a formação docente. Ao incentivar a reflexão sobre a trajetória pessoal e profissional dos professores, o estudo promove o autoconhecimento e a construção da identidade docente, proporcionando melhorias diretas na prática pedagógica e na qualidade da educação. O impacto social se reflete na possibilidade de formação continuada mais humanizada, levando os professores a compreenderem melhor seus próprios desafios e, consequentemente, os de seus alunos, fortalecendo a empatia e a inclusão no ambiente escolar. No aspecto educacional, a dissertação dialoga com estratégias de ensino reflexivo, oferecendo uma abordagem que pode ser incorporada na formação inicial e continuada de docentes, ampliando suas possibilidades metodológicas. Além disso, a pesquisa se insere no campo da extensão ao interagir com educadores e promover práticas auto reflexivas que têm impacto direto em suas comunidades escolares. Os grupos populacionais beneficiados incluem docentes em formação e em exercício, além de estudantes que, indiretamente, se beneficiam de um ensino mais crítico e reflexivo. O estudo se alinha à área temática de Educação da Política Nacional de Extensão, por contribuir para o aperfeiçoamento da formação docente, e também dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, em especial o ODS 4, que visa garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade, e o ODS 8, ao incentivar o desenvolvimento profissional dos professores. Dessa forma, a dissertação reforça a importância da pesquisa auto biográfica como percurso para a qualificação docente, demonstrando seu potencial para transformar a prática pedagógica e, por extensão, o cenário educacional.

IMPACT INDICATORS

This dissertation investigates the relevance of autobiographical research as a pathway for the continuing education of teachers, emphasizing self-study in the construction of teaching identity and the improvement of pedagogical practice. The main objective is to understand how the personal, professional, and academic life trajectory of an educator can contribute to valuing self-study as a fundamental tool in teacher professional development. The research is grounded in studies that highlight the role of autobiographical narratives in consolidating teacher identity. Reflection on one's own trajectory allows teachers to understand their experiences and challenges, fostering a continuous process of professional development and self-discovery. Moreover, the autobiographical approach enables a critical analysis of the sociocultural and institutional context that influences teaching practice, broadening professionals' perception of their role in education. The results demonstrate that autobiographical narratives are essential for teachers to develop a deeper awareness of their pedagogical practices. This reflection promotes not only professional improvement but also a broader understanding of the social dynamics that impact education. Despite its positive contributions, the research also points to challenges in using the autobiographical approach. When used in isolation, this methodology may overly emphasize the subjective dimension of teacher education, failing to consider external factors such as educational policies and working conditions. Thus, it becomes essential to complement autobiographical reflection with other approaches that expand the understanding of the complexity of pedagogical practice. Finally, this study shows that teacher education should not be limited to a purely technical and academic model but should also value the subjective and reflective dimension of the educator. By revisiting their life stories, teachers not only enhance their practices but also strengthen their professional identity, making education a more conscious, inclusive, and transformative process.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	12
2.1	Fundamentos da Pesquisa Autobiográfica	12
2.2	A Identidade Docente e o Autoconhecimento	16
2.3	História de Vida na Formação de Professores	23
2.4	A Pesquisa Autobiográfica como percurso	27
2.4.1	A Identidade Docente: Uma Construção Dinâmica e Contextual	27
2.5	METODOLOGIA: DETALHANDO O PROCESSO METODOLÓGICO	30
3	MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	32
3.1	Moita de bambu	54
3.2	Escola	55
3.3	Fazenda Sérgio	55
3.4	Abelhas	58
3.4	Voltamos para nossa casa em 1996	59
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICE A- PRODUTO EDUCACIONAL: NARRATIVAS	
	AUTOBIOGRÁFICAS: A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA NA	
	FORMAÇÃO DOCENTE!	79

1 INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores é um elemento essencial para a qualidade da educação, permitindo que os profissionais da docência reflitam sobre suas práticas e aperfeiçoem suas metodologias. Nesse contexto, a pesquisa autobiográfica surge como uma trilha potente para a construção do conhecimento docente, possibilitando que os educadores analisem suas experiências e trajetórias para aprimorar sua atuação profissional.

A importância desse estudo reside na valorização das vivências individuais como fonte de aprendizado, promovendo uma formação que vai além dos modelos tradicionais e incentiva uma prática reflexiva e significativa. Conforme apontam Cavalcante e Oliveira (2020), a revisão de estudos científicos e metodológicos desempenha um papel fundamental na compreensão dos processos formativos, permitindo uma análise crítica das abordagens utilizadas na pesquisa educacional.

Como objetivo geral desta pesquisa buscou-se investigar como a trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica de uma educadora pode contribuir para a valorização do auto estudo como um instrumento fundamental na formação continuada de professores. Ao explorar essa temática, busca-se evidenciar a relevância do autoconhecimento e da autoanálise na construção da identidade docente e na qualificação da prática pedagógica.

De forma específica, buscamos compreender de que maneira as experiências pessoais, profissionais e acadêmicas da educadora influenciaram sua prática pedagógica e sua trajetória formativa; analisar como o auto estudo foi incorporado ao longo de sua formação continuada e quais sentidos foram atribuídos a essa prática. Investigar as estratégias utilizadas pela educadora para desenvolver o autoconhecimento e a autoanálise como instrumentos de reflexão crítica sobre sua identidade docente, bem como evidenciar a contribuição da abordagem auto biográfica como percurso para valorizar a experiência docente e a construção de saberes profissionais.

Segundo Cavalcante e Oliveira (2020), a pesquisa autobiográfica é um recurso essencial para estruturar pesquisas que buscam compreender fenômenos complexos, como a formação docente, pois permite refletir sobre a trajetória pessoal e profissional, favorecendo a construção da identidade docente e o aprimoramento da prática pedagógica.

A escolha por esse estudo se justifica pela necessidade de ressignificar a formação de professores, promovendo uma abordagem mais humanizada e contextualizada. Muitas vezes, os processos formativos priorizam conteúdos teóricos e metodológicos sem considerar as histórias e experiências individuais dos docentes. No entanto, compreender a própria trajetória

pode ser um diferencial para que o professor desenvolva um olhar mais crítico e sensível sobre sua prática, aprimorando sua atuação em sala de aula e fortalecendo sua identidade profissional.

Como ressaltam Cavalcante e Oliveira (2020), a sistematização de conhecimentos por meio de métodos científicos é essencial para garantir a qualidade e a profundidade das reflexões acadêmicas, o que reforça a importância da abordagem auto biográfica como caminho legítimo no campo da educação.

Diante disso, a grande questão que norteia esta pesquisa é: **De que maneira a trajetória pessoal, profissional e acadêmica de um professor pode evidenciar a importância da pesquisa autobiográfica para a formação continuada?** A resposta a essa pergunta será construída a partir da reflexão sobre experiências individuais e da análise de como a investigação autobiográfica pode contribuir para o aprimoramento docente.

Assim, esta dissertação pretende demonstrar que a formação do professor não deve se restringir a processos externos e padronizados, mas sim considerar a riqueza das histórias de vida como um recurso valioso para a prática pedagógica. Dessa forma, espera-se contribuir para o fortalecimento do auto estudo como um caminho legítimo para o desenvolvimento profissional na educação, reforçando a necessidade de fundamentação teórica e metodológica, como destacam Cavalcante e Oliveira (2020), para garantir a validade e a relevância das investigações acadêmicas.

Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, é fundamental aprofundar a compreensão sobre o autorretrato investigativo e seu papel na formação continuada de professores. Um dos primeiros passos para isso é **descrever as principais características da pesquisa autobiográfica e das histórias de vida nas pesquisas sobre formação de professores**. A pesquisa autobiográfica tem como base a valorização das experiências individuais como fonte legítima de conhecimento, permitindo que o sujeito-pesquisador analise sua trajetória e compreenda os impactos de suas vivências em sua prática docente.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa qualitativa, especialmente aquela que utiliza métodos narrativos e autobiográficos, possibilita uma análise aprofundada da realidade estudada, oferecendo uma perspectiva mais subjetiva e detalhada sobre os fenômenos sociais. Dessa forma, ao estudar a formação de professores por meio das histórias de vida, é possível identificar como os saberes adquiridos ao longo do percurso pessoal e profissional influenciam a atuação pedagógica.

Outro objetivo fundamental desta investigação é **apresentar minha trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica, ressaltando a importância deste percurso de**

consolidação de saberes para a minha atuação profissional. A análise autobiográfica da própria trajetória permite que o pesquisador compreenda como suas experiências impactam sua identidade docente, possibilitando uma autoavaliação reflexiva que contribui para seu desenvolvimento profissional.

Lakatos e Marconi (2003) destacam que a sistematização do conhecimento científico deve considerar não apenas os dados objetivos, mas também a subjetividade do pesquisador, pois sua vivência influencia diretamente a forma como a pesquisa é conduzida e interpretada. Assim, ao explorar minha própria trajetória, busco evidenciar como os aprendizados adquiridos ao longo dos anos – tanto na vida pessoal quanto na formação acadêmica e na atuação profissional – moldaram minha identidade docente e reforçaram a importância do auto retrato investigativo como processo formativo.

Ao alinhar os objetivos específicos desta pesquisa com as bases teóricas e estratégicas do auto estudo, pretende-se demonstrar que a formação docente não se dá apenas por meio de conteúdos acadêmicos e pedagógicos formais, mas também pelas experiências e reflexões individuais do professor. Como ressaltam Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa científica deve ser conduzida de forma rigorosa, mas sem desconsiderar a complexidade das interações humanas e sociais envolvidas no fenômeno estudado.

Dessa maneira, ao trazer a trajetória de vida como objeto de investigação, busca-se contribuir para um entendimento mais amplo da formação de professores, enfatizando a relevância do autoconhecimento e da valorização das experiências pessoais no processo educativo.

Sendo assim, para a realização deste estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Ao delimitar essa prática de estudo, como base para a construção do trabalho, escolheu-se por utilizar uma estratégia muito comum entre aqueles que fazem a pesquisa bibliográfica: a revisão de literatura. Também de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 248), esta “consiste em uma síntese, (...) referente ao trabalho e aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica”. Então, encarando o presente estudo como uma revisão de

literatura que prima pela consulta às publicações, julgadas como mais importantes sobre o tema, a presente pesquisa se restringiu à chamada revisão de literatura do tipo narrativa.

Logo, foram buscadas publicações que visam descrever, de maneira ampla, aspectos sobre a pesquisa autobiográfica, como as de Josso (2004); Nóvoa (1986; 1998; 2002); Passeggi (2010); Passeggi, Souza e Vicentini (2011); Delory-Momberger (2006); e os saberes da experiência (Bondía, 2002). Portanto, foi possível obter uma “atualização do conhecimento acerca desses assuntos, sem a indicação de dados quantitativos quanto à produção analisada, visto que a fonte de busca dos trabalhos e sua seleção não contaram com maiores especificações” (Cavalcante; Oliveira, 2020, p. 86), exatamente como orienta a revisão narrativa.

A presente pesquisa está estruturada em duas partes principais. A primeira parte, correspondente ao Capítulo 1, consiste em uma revisão de literatura sobre a pesquisa autobiográfica e sua relevância na formação docente. Esse capítulo abrange os seguintes aspectos: os fundamentos da pesquisa autobiográfica, explorando seus princípios e bases técnicas; a identidade docente e o autoconhecimento, destacando a relação entre a construção da identidade profissional e o processo reflexivo; a história de vida na formação de professores, enfatizando o papel das experiências individuais na constituição do saber docente; e, por fim, a pesquisa autobiográfica como trilha, analisando sua aplicação na compreensão e aprimoramento da prática pedagógica.

A segunda parte da pesquisa, abordada no Capítulo 2, apresenta minha trajetória de vida, destacando aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais que contribuíram para a construção da minha identidade docente. Essa análise autobiográfica tem como objetivo demonstrar, de forma prática, a importância do auto estudo na formação continuada de professores, evidenciando como as vivências ao longo da vida impactam diretamente o desenvolvimento profissional e a atuação pedagógica.

2 PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

2.1 Fundamentos da Pesquisa Autobiográfica

A pesquisa autobiográfica é um processo que se baseia na reflexão sobre a trajetória do próprio pesquisador, utilizando a narrativa pessoal como meio para a produção de conhecimento. Passeggi, Souza e Vicentini (2011) destacam que esse trajeto pertence ao campo das pesquisas qualitativas e se concentra na construção de significados a partir das experiências vividas, permitindo que o sujeito compreenda sua identidade e formação

profissional. Nesse sentido, ao enfatizar a importância da subjetividade e da vivência pessoal, a pesquisa autobiográfica abre um espaço valioso para entender o processo de formação docente, já que possibilita que os educadores se reconheçam como sujeitos ativos na construção de seu saber pedagógico.

Conforme Lakatos e Marconi (2003) ressaltam, a pesquisa autobiográfica permite uma análise subjetiva e detalhada dos fenômenos sociais, destacando a perspectiva do próprio pesquisador como fonte legítima de conhecimento. Ao adotar a auto biografia como percurso, o pesquisador não apenas analisa fenômenos sociais sob uma ótica subjetiva, mas também amplia a compreensão sobre como sua trajetória pessoal influencia os processos educativos. Essa abordagem, portanto, possibilita uma análise mais profunda das interações entre o indivíduo e o coletivo, oferecendo uma visão enriquecida das dinâmicas educacionais.

Ao compartilhar suas experiências e percepções, o pesquisador não apenas resgata sua própria trajetória, mas também contribui para uma compreensão mais humanizada dos processos educativos. O autoestudo, assim, se configura como um poderoso instrumento de reflexão, permitindo estabelecer conexões entre vivências individuais e contextos coletivos. Ao integrar esses elementos, a pesquisa autobiográfica não só enriquece a formação docente, mas também contribui para a produção de conhecimento na área da educação, promovendo uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre as práticas pedagógicas.

Essa análise crítica sugere que, ao considerar tanto as experiências pessoais quanto as influências sociais e culturais, a prática autobiográfica pode ser transformada em um instrumento ainda mais robusto para a compreensão do processo formativo dos educadores.

Entretanto, ao realizar uma análise crítica dessa abordagem, surgem algumas limitações que merecem consideração. A ênfase na experiência pessoal, embora enriquecedora, pode obscurecer a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre as condições sociais, culturais e estruturais que influenciam a prática pedagógica.

A narrativa autobiográfica, rica em subjetividade, pode correr o risco de reduzir a complexidade das práticas docentes a um relato individual, sem considerar aspectos coletivos e contextuais fundamentais para o desenvolvimento profissional dos educadores. Essa limitação pode levar a uma visão fragmentada da formação docente, deixando de lado fatores externos que também moldam a prática pedagógica, como as políticas educacionais, as dinâmicas institucionais e o contexto socioeconômico.

O artigo de Bueno (2020), por exemplo, aborda questões teóricas e a construção das abordagens (auto)biográficas, focando principalmente no redirecionamento dos estudos sobre a formação docente a partir dos anos 1980. Nesse contexto, o autor explora como a ênfase na

pessoa do professor e seus percursos profissionais gerou uma proliferação de obras e estudos sobre a vida dos educadores, como as autobiografias docentes e o desenvolvimento pessoal dos professores (Nóvoa, 1982).

O texto sugere que esse movimento não deve ser visto apenas como uma tendência passageira, mas como uma reação às limitações dos métodos convencionais de investigação, especialmente no que tange à subjetividade e à experiência pessoal do educador. A primeira crítica que se pode fazer a essa perspectiva é a de que, embora haja um crescente reconhecimento da importância da subjetividade na formação docente, os estudos (auto)biográficos podem, em certos casos, cair na armadilha da individualização excessiva (Bueno, 2020).

Ao focar tanto na trajetória pessoal e na experiência vivida do professor, corre-se o risco de desconsiderar as condições sociais, culturais e estruturais mais amplas que também desempenham um papel crucial na formação e nas práticas pedagógicas. A subjetividade do educador, por mais relevante que seja, não pode ser analisada isoladamente, sem a devida atenção ao contexto coletivo e às políticas educacionais que moldam seu trabalho.

Bueno (2020) discute ainda as rupturas que ocorreram nas ciências humanas, especialmente em relação aos métodos convencionais de pesquisa. A ideia de que a subjetividade passou a se tornar a ideia nuclear e articuladora das novas formulações teóricas é válida, mas merece uma reflexão crítica. A ênfase crescente na subjetividade, sem o devido contraponto de análise crítica, pode levar a um enfoque reducionista, onde a análise das trajetórias dos professores ignora questões coletivas e as dinâmicas de poder que estruturam o campo educacional. Além disso, uma abordagem excessivamente subjetiva pode obscurecer a necessidade de investigar como as transformações sociais e educacionais impactam a vida dos educadores.

Quando o artigo aborda as especificidades da jornada biográfica, com base nas ideias de Ferrarotti (1985), o autor destaca seu valor heurístico ao investigar as relações entre a história social e a história individual. Essa é uma abordagem interessante, pois permite uma compreensão mais profunda de como as histórias de vida se entrelaçam com os processos históricos e sociais (Bueno, 2020).

No entanto, é preciso questionar até que ponto o trajeto biográfico pode ser efetivamente aplicado para compreender as dinâmicas mais amplas das instituições educacionais e os desafios coletivos que os professores enfrentam. O risco de se concentrar exclusivamente na experiência individual pode comprometer a capacidade da pesquisa em capturar as complexas interações entre o indivíduo e as estruturas sociais mais amplas.

Na última parte do artigo, Bueno (2020) apresenta as potencialidades e as dificuldades do uso das histórias de vida na pesquisa sobre a formação docente, destacando, por exemplo, a necessidade de construir uma teoria da formação de adultos, conforme sugerido por Dominicé (1990). Embora isso seja relevante, um comentário crítico aqui seria sobre a falta de um aprofundamento mais robusto sobre como a teoria da formação de adultos pode ser efetivamente aplicada no contexto atual da educação, que está em constante transformação devido a novas exigências e tecnologias educacionais.

Além disso, a questão da "juventude e imaturidade" da área dos estudos (auto)biográficos, como apontado pelo autor, é um ponto importante a ser levado em consideração. A vivência, apesar de suas contribuições valiosas, ainda carece de maior rigor e amadurecimento, especialmente quando se trata de sua aplicação em larga escala e com diversificados grupos de professores.

Em poucas palavras, o artigo de Bueno (2020) apresenta uma análise válida sobre o impacto das abordagens (auto)biográficas na pesquisa sobre a formação docente, mas também levanta questões críticas que merecem uma reflexão mais profunda. Embora as abordagens (auto)biográficas ofereçam uma rica oportunidade de reflexão sobre a experiência do professor, é fundamental que esse processo seja combinado com outras abordagens que considerem a complexidade das influências sociais, culturais e institucionais no processo de formação e prática pedagógica.

Além disso, a proposta de que a construção da identidade docente se dá unicamente a partir da reflexão sobre as próprias experiências pode ser questionada. A formação de um professor não é moldada apenas pelas vivências pessoais, mas também pela interação com colegas, pela influência de modelos educacionais e pelos desafios do contexto escolar. A trajetória autobiográfica, ao focar no processo introspectivo, corre o risco de desconsiderar as dinâmicas mais amplas que influenciam a atuação do educador. Nesse sentido, uma visão que integre tanto o indivíduo quanto o coletivo se faz necessária para uma compreensão mais abrangente da formação docente.

A afirmação de que a construção da identidade docente se dá unicamente a partir da reflexão sobre as próprias experiências pode, de fato, ser questionada. Nesse sentido, Nóvoa (2014) acrescenta:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (Nóvoa, 2014, p. 153).

Embora a jornada autobiográfica seja uma estratégia valiosa para o autoconhecimento e a reinterpretação das práticas docentes, ela deve ser complementada por outras abordagens que considerem as múltiplas dimensões que influenciam a identidade profissional dos professores. Uma visão holística da formação docente deve integrar as experiências individuais e coletivas, observando as influências culturais, institucionais e sociais que moldam a prática pedagógica e a construção do saber docente.

2.2 A Identidade Docente e o Autoconhecimento

Segundo Delory-Momberger (2006), a abordagem autobiográfica deve ser compreendida como um processo reflexivo e formativo no qual o sujeito elabora sua identidade ao narrar a própria experiência vivida. Longe de ser uma mera ferramenta de investigação, a autobiografia constitui um movimento de construção de si, no qual o sujeito busca dar sentido à sua trajetória por meio da narrativa. Nesse processo, a memória não é apenas um repositório de lembranças, mas um campo de interpretação crítica das experiências, permitindo que o sujeito reveja sua história à luz de novos significados. A narrativa, portanto, ocupa um lugar central, pois é por meio dela que o indivíduo estrutura suas vivências, compreende os processos de socialização e ressignifica suas aprendizagens ao longo do tempo.

No desenvolvimento da reflexão sobre a construção da identidade docente, as narrativas autobiográficas desempenham um papel central, pois permitem ao sujeito reorganizar e dar significado às suas experiências ao longo do tempo. Segundo Amaral (2024), a análise dessas narrativas na formação docente oferece uma maneira profunda de revisar a trajetória profissional, auxiliando na conscientização sobre os processos formativos. Essa leitura crítica e reflexiva não apenas ajuda o educador a entender suas práticas pedagógicas, mas também favorece uma transformação no modo como vê sua profissão e o impacto de suas ações no contexto educacional.

A contribuição de Brito (2021) complementa essa ideia ao discutir como as narrativas autobiográficas podem ressoar nas práticas de formação continuada de professores. A pesquisa sugere que, ao revisar suas histórias, os educadores podem identificar aspectos de sua formação que precisam ser revisados e ajustados para uma prática pedagógica mais reflexiva e contextualizada. Assim, a análise autobiográfica não apenas favorece o

autoconhecimento, mas também amplia a compreensão da socialização do indivíduo dentro do espaço educacional.

Entendemos como formação continuada como um processo permanente de aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional que ocorre ao longo da carreira do educador, com o objetivo de atualizar conhecimentos, aprimorar práticas pedagógicas e responder às transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam o cotidiano escolar. Diferente da formação inicial, que ocorre em cursos de graduação ou licenciatura, a formação continuada se dá por meio de cursos, oficinas, grupos de estudo, projetos de pesquisa, especializações, experiências colaborativas e reflexivas dentro e fora da escola (Libâneo, 2021).

Ela parte do princípio de que ensinar e aprender são práticas dinâmicas e, portanto, exigem que os profissionais da educação estejam em constante atualização e reflexão crítica sobre suas práticas, seus contextos e os saberes que mobilizam no exercício da docência (Nóvoa, 2022). A formação continuada também é entendida como um direito do professor e uma responsabilidade das instituições educacionais, sendo essencial para a valorização profissional, a melhoria da qualidade do ensino e a construção de uma escola democrática e inclusiva.

De acordo com Bueno (2002), o percurso autobiográfico proporciona uma abordagem única para compreender a subjetividade dos docentes, permitindo que suas histórias de vida se tornem uma forma para o autodescobrimento e a melhoria de suas práticas. Essa análise subjetiva é essencial para a formação crítica do professor, uma vez que ela implica reconhecer como os eventos passados e as influências externas moldaram suas crenças e atitudes pedagógicas.

Nóvoa (2014) também enfatiza a importância das histórias de vida no processo formativo, particularmente no contexto do Projeto Prosalus, ao afirmar que o caminho biográfico permite ao educador integrar sua experiência individual em um entendimento mais amplo e coletivo da profissão docente. Nesse sentido, as narrativas autobiográficas se tornam não apenas um reflexo pessoal, mas uma maneira de compreender o impacto do contexto social e institucional na formação e nas práticas pedagógicas.

Essas contribuições oferecem embasamento de que tais estudos das trajetórias autobiográficas, longe de ser uma análise isolada e pessoal, deve ser contextualizado e inserido em um processo contínuo de reflexão crítica sobre a identidade docente, permitindo ao educador ampliar suas perspectivas sobre sua formação e prática.

Dentro da pesquisa autobiográfica, a narrativa assume um papel central, pois é por meio dela que o sujeito constrói, interpreta e atribui sentido às suas experiências vividas. Como destaca Delory-Momberger (2006), a autobiografia não se resume a uma reconstrução linear de fatos, mas configura-se como um processo contínuo de constituição do sujeito em sua relação com o tempo, com os outros e consigo mesmo. Ao narrar sua trajetória, o indivíduo não apenas rememora o passado, mas elabora e ressignifica sua própria história, compreendendo sua formação como um movimento permanente de construção identitária. Nesse sentido, a escrita de si torna-se uma prática formativa, essencial para o autoconhecimento, a reflexão crítica e o desenvolvimento profissional.

Amaral (2024) reforça essa perspectiva ao afirmar que, ao refletir sobre suas próprias experiências, o educador não só reconstrói sua identidade, mas também compreende a formação docente como um processo contínuo. O autor destaca que as narrativas autobiográficas permitem que o educador integre diferentes momentos de sua vida, estabelecendo conexões entre o que foi vivido e as implicações dessas vivências no seu papel de docente. Ao narrar sua trajetória, o educador não está apenas fazendo um relato do passado, mas promovendo um processo de autoanálise que possibilita uma compreensão mais crítica e reflexiva de sua prática pedagógica.

Essa ideia de conexão entre momentos da vida também é discutida por Brito (2021), que aponta como as narrativas autobiográficas podem atuar como uma jornada de reflexão crítica durante a formação continuada de professores. Para a autora, as histórias de vida dos docentes não são apenas relatos pessoais, mas constituem um espaço de aprendizagem, onde o docente revisita suas práticas e crenças. Ao fazer isso, ele amplia sua capacidade de integrar novas experiências, tornando sua formação profissional mais rica e contextualizada.

Nesse sentido, a narrativa autobiográfica não se limita a um olhar introspectivo, mas se expande para um entendimento mais amplo de como o sujeito se insere em contextos históricos, culturais e sociais mais amplos. Bueno (2002) destaca que o itinerário autobiográfico, ao focar a subjetividade do docente, também abre espaço para a compreensão das influências externas que moldam a prática pedagógica. A reflexão sobre a própria história de vida torna-se, então, uma forma de questionar e ressignificar as práticas pedagógicas dentro de um contexto social e institucional, contribuindo para o desenvolvimento contínuo e crítico do educador.

Nóvoa (2014) amplia ainda mais essa ideia ao enfatizar que as histórias de vida no campo da educação não devem ser vistas como um exercício de mera nostalgia ou auto afirmação, mas como um recurso fundamental para o desenvolvimento profissional do

educador. No Projeto Prosalus, por exemplo, a análise da trajetória pessoal do educador é uma forma de investigar como as experiências de vida e as vivências profissionais se entrelaçam, possibilitando ao docente uma visão mais crítica de sua prática e um maior entendimento de sua identidade profissional.

Portanto, como afirma Delory-Momberger (2006), a narrativa autobiográfica não deve ser compreendida como um simples autorretrato, mas como um caminho formativo que possibilita ao sujeito construir sentido sobre sua própria existência e trajetória. Para o educador, essa prática reflexiva é fundamental, pois permite compreender sua formação como um processo contínuo, integrado e em constante movimento. Ao narrar-se, o professor ressignifica experiências, identifica aprendizagens e desafios e, assim, posiciona-se de forma mais crítica e consciente diante de sua prática pedagógica, adaptando-a às transformações que emergem ao longo de sua caminhada profissional.

Além de seu caráter individual, a autoanálise autobiográfica também possui uma dimensão profundamente social, pois permite ao sujeito compreender sua história de vida em relação com os contextos culturais, históricos e institucionais nos quais está inserido. Delory-Momberger (2006) destaca que a experiência pessoal nunca é isolada ou puramente subjetiva, mas se constitui no entrelaçamento com o mundo social. Assim, ao investigar trajetórias autobiográficas, torna-se possível identificar não apenas singularidades, mas também padrões e regularidades que revelam aspectos coletivos da formação docente e dos desafios enfrentados na prática pedagógica. Nesse sentido, a narrativa de si contribui para uma leitura ampliada da profissão, articulando o vivido individual ao tecido social que o sustenta e o transforma.

A pesquisa de Aguiar, Medeiros e Dantas (2016) corrobora essa ideia ao demonstrar que, ao investigar as narrativas de professores em formação, essas histórias de vida se conectam a questões mais amplas da educação, refletindo os desafios e as demandas da formação continuada. A autora afirma que, ao analisar sua história de vida no contexto da formação de professores, é possível perceber como os fatores externos (como as políticas educacionais, as instituições de ensino e as influências culturais) moldam e direcionam as trajetórias individuais dos educadores. As narrativas, portanto, se tornam uma trilha não apenas para a reflexão pessoal, mas também para compreender os aspectos sociais e institucionais que afetam a prática pedagógica.

Além disso, Carneiro, Neto e Santos (2020) argumentam que o uso do relato de vida na formação docente possibilita uma análise crítica que ultrapassa o âmbito individual, permitindo que o educador reflita sobre sua prática à luz de questões coletivas e estruturais. O

estudo sugere que, ao resgatar sua trajetória pessoal, o educador entra em contato com as influências sociais, históricas e culturais que permeiam sua prática, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada da formação docente. Essa análise crítica também facilita a identificação de padrões coletivos que ajudam a explicar fenômenos mais amplos dentro do campo educacional, como as dificuldades enfrentadas pelos professores ou as tendências presentes nas práticas pedagógicas.

Correia de Oliveira, Almeida e Silva (2019) também destacam que, ao utilizar a história de vida na formação de professores, é possível observar como o contexto social e institucional afeta diretamente a prática pedagógica. Eles afirmam que as narrativas de vida dos educadores não são apenas relatos de experiências pessoais, mas, muitas vezes, refletem as tensões e os desafios enfrentados dentro do próprio sistema educacional. Dessa forma, a análise autobiográfica se conecta ao processo de socialização do docente, permitindo que ele perceba como sua formação e suas escolhas profissionais são influenciadas por um contexto mais amplo.

Em relação à análise das influências sociais na formação docente, Oliveira, Souza e Lima (2019) apontam que o uso das histórias de vida nas pesquisas educacionais permite que o educador entenda como os fatores culturais e institucionais impactam sua prática. A história de vida se torna, assim, uma trajetória poderosa para refletir sobre como os professores, ao longo de suas trajetórias, se veem e são vistos pelo sistema educacional e pela sociedade.

Silva e Souza (2022) complementam essa perspectiva ao afirmar que a abordagem autobiográfica na formação de professores não apenas facilita o autoconhecimento, mas também permite que o educador compreenda sua identidade profissional dentro de um contexto coletivo. Para os autores, essa abordagem revela como os aspectos individuais e os fatores externos se entrelaçam, criando uma dinâmica que influencia a prática docente e a própria percepção do educador sobre seu papel na sociedade.

Por fim, o trabalho de Weber (2019) reforça a ideia de que a trajetória biográfica na pesquisa educacional não se limita a uma análise individualizada, mas oferece uma lente para observar a interconexão entre as histórias de vida e o contexto social mais amplo. Ao estudar as trajetórias de vida de professores, é possível identificar como as experiências individuais são, em grande parte, reflexos das condições históricas, sociais e institucionais que os educadores enfrentam.

O autoconhecimento, ainda no âmbito da formação docente, pode ser compreendido como um processo contínuo e dinâmico de reconhecimento das próprias experiências, crenças, afetos e valores que permeiam a prática educativa. Não se trata apenas de olhar para

si, mas de compreender-se como sujeito em constante constituição, cujas ações são influenciadas por contextos históricos, sociais e culturais.

Delory-Momberger (2006) enfatiza que, por meio da narrativa autobiográfica, o sujeito é convocado a ressignificar sua trajetória, o que favorece o entendimento de sua identidade profissional como algo em constante construção. Assim, o autoconhecimento adquire centralidade ao permitir que o educador reflita sobre as marcas deixadas pelas suas vivências pessoais e profissionais, ampliando a consciência de seu papel como agente de transformação social.

Amaral (2024) destaca que esse processo de autoexploração não se resume à introspecção, mas envolve um movimento dialógico entre o eu e o mundo, entre a história individual e os contextos coletivos em que o docente está inserido. Brito (2021), por sua vez, reforça que a identidade profissional se fortalece na medida em que o professor desenvolve a capacidade de interpretar criticamente suas práticas e se abrir a novas aprendizagens a partir do reconhecimento de seus limites e potencialidades.

Nesse sentido, o autoconhecimento torna-se uma via essencial não apenas para a constituição da identidade docente, mas também para o exercício de uma prática pedagógica mais consciente, ética e comprometida com a realidade dos educandos.

Dessa forma, a pesquisa autobiográfica, ao considerar as influências sociais, culturais e institucionais que moldam a trajetória do docente, possibilita uma compreensão mais completa e profunda dos desafios da formação docente e da prática pedagógica. A análise das trajetórias individuais se torna, então, uma poderosa trajetória para entender como o contexto mais amplo influencia a identidade profissional dos educadores e como esse processo contribui para a construção de saberes coletivos no campo da educação.

Além de seu caráter individual, a narrativa autobiográfica possui uma importante dimensão social. Como propõe Delory-Momberger (2006), a experiência pessoal está sempre entrelaçada a fatores culturais, históricos e institucionais que moldam a constituição do sujeito. Ao compreender a trajetória individual dentro de um contexto mais amplo, amplia-se a compreensão sobre os processos formativos e os desafios da prática docente, evidenciando a interdependência entre o sujeito e seu meio social.

No entanto, a análise de trajetórias autobiográficas pode, em determinados casos, incorrer no risco de subestimar as influências coletivas que estruturam a formação docente. Ainda que seja inegável a articulação entre experiência pessoal e contexto social, um enfoque excessivamente centrado na vivência individual pode levar a uma leitura reducionista,

desconsiderando práticas pedagógicas compartilhadas, dinâmicas institucionais e aspectos estruturais que também constituem a profissão docente.

Além disso, a identificação de padrões e tendências em trajetórias autobiográficas, embora valiosas, pode ser limitada pela subjetividade das narrativas. Cada história é única e, ao buscar generalizar a partir delas, podemos cair no erro de reduzir a complexidade dos fenômenos coletivos a padrões simplificados que não capturam a diversidade das experiências. Portanto, embora o estudo das trajetórias autobiográficas seja uma poderosa trilha para compreender os desafios da prática pedagógica, ele precisa ser integrado a outras abordagens que considerem a complexidade dos fatores que influenciam a formação docente.

A pesquisa autobiográfica tem se mostrado uma abordagem fecunda no campo da educação, especialmente por sua capacidade de articular o vivido, o pensado e o produzido em termos de saberes docentes. Ao longo deste capítulo, buscou-se destacar como essa perspectiva permite uma análise aprofundada dos processos formativos e da construção da identidade profissional dos professores, ao considerar a experiência como lugar legítimo de produção de conhecimento.

Com base na concepção de Delory-Momberger (2006), evidenciou-se que a autobiografia não se reduz a uma narrativa linear ou meramente subjetiva, mas constitui um processo reflexivo e formativo, no qual o sujeito interpreta e ressignifica sua trajetória à luz de múltiplas influências — culturais, sociais, históricas e institucionais. Nesse sentido, a autoanálise promovida pela escrita de si contribui não apenas para o autoconhecimento, mas também para uma formação continuada mais significativa, crítica e situada.

Além de seu valor individual, a pesquisa autobiográfica ganha potência quando compreendida como prática social, pois permite compreender padrões coletivos e contextos mais amplos que atravessam a experiência docente. Sua contribuição para a investigação acadêmica reside justamente na capacidade de integrar subjetividade e rigor científico, ampliando as possibilidades de leitura dos fenômenos educativos.

Entretanto, reconhece-se que sua eficácia se intensifica quando combinada a outras abordagens que considerem a complexidade da prática pedagógica em sua totalidade. Assim, a articulação da autobiografia com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas enriquece a compreensão dos desafios enfrentados pelos educadores e fortalece o compromisso com uma formação docente crítica, transformadora e socialmente comprometida.

2.3 História de Vida na Formação de Professores

A história de vida é um percurso de investigação qualitativa que se baseia na reconstrução das experiências individuais de um sujeito, a partir de seus relatos e narrativas pessoais. Passeggi, Souza e Vicentini (2011) afirmam que as histórias de vida são fundamentais para compreender os processos formativos, pois permitem identificar como diferentes experiências moldam a trajetória de um indivíduo.

Esse trajeto, segundo Lakatos e Marconi (2003), possibilita a análise aprofundada da subjetividade, permitindo que o pesquisador acesse memórias e significados que contribuem para a construção da identidade pessoal e profissional. Ao revisitar tais experiências próprias, o pesquisador não apenas resgata memórias, mas também dá novos sentidos a sua trajetória, compreendendo como essas vivências influenciam sua prática e visão de mundo. Esse processo reflexivo fortalece a identidade pessoal e profissional, proporcionando um olhar mais crítico e consciente sobre a própria atuação, além de abrir caminhos para transformações no fazer pedagógico.

A autoanálise e o relato de vida são vivências poderosas na formação de professores, pois incentivam a reflexão crítica sobre a própria trajetória e auxiliam na construção da identidade docente. Passeggi, Souza e Vicentini (2011) ressaltam que essas vivências permitem que o professor compreenda como suas experiências pessoais influenciam sua prática pedagógica, promovendo um processo formativo mais humanizado e contextualizado.

Ao organizar essas experiências em um contexto científico, o auto estudo permite que as reflexões individuais se transformem em aprendizados sistematizados, contribuindo diretamente para a formação e qualificação dos professores. Além disso, Lakatos e Marconi (2003) destacam que a sistematização da experiência individual na pesquisa científica possibilita uma aprendizagem mais significativa, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos docentes. Dessa forma, ao integrar essas abordagens na formação continuada, os professores podem aprimorar sua prática pedagógica, tornando-se mais reflexivos e conscientes de seu papel na educação.

A história de vida tem se consolidado como um itinerário essencial na investigação educacional, especialmente no que diz respeito à formação docente e à compreensão dos processos de ensino e aprendizagem. Essa abordagem permite que os sujeitos reconstruam suas trajetórias por meio de narrativas, possibilitando uma análise reflexiva de suas experiências e a elaboração de saberes ao longo da vida. Para Delory-Momberger (2006), a pesquisa biográfica busca compreender a relação entre indivíduo e sociedade, evidenciando

como os processos de socialização e formação influenciam a constituição da identidade profissional dos educadores.

Na educação, a narrativa de vida tem sido amplamente utilizada para investigar a formação de professores, pois permite um olhar aprofundado sobre suas experiências pessoais e profissionais. Estudos recentes indicam que a abordagem autobiográfica favorece o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a prática docente, promovendo reflexões sobre desafios e aprendizados adquiridos ao longo da carreira (Silva & Souza, 2022).

Amaral (2024) discorre que as bagagens pessoais, acadêmicas e profissionais têm um impacto profundo na escolha da carreira docente e na construção da identidade de um educador. Quando refletimos sobre esses momentos da vida, seja em termos de dificuldades superadas, conquistas e aprendizados adquiridos ao longo da jornada, estamos construindo uma visão mais clara de quem somos enquanto profissionais e como nos relacionamos com o ato de ensinar.

A importância das narrativas autobiográficas nesse processo é fundamental. Elas permitem que o educador resgate e compreenda suas próprias trajetórias e vivências, ajudando a perceber como essas experiências moldaram suas decisões e influenciaram sua prática pedagógica. Ao refletir sobre essas histórias pessoais, o educador consegue identificar suas forças, desafios e, até mesmo, as motivações que o levaram a escolher a docência. Esse exercício de autoconhecimento não apenas favorece a formação da identidade profissional, mas também contribui para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais autêntica e empática.

Além disso, ao promover essa reflexão, os educadores se tornam mais capazes de melhorar constantemente sua prática. O autoconhecimento adquirido por meio dessas narrativas ajuda o professor a estar mais aberto a novas abordagens e a desenvolver uma trilha inovadora, pois ele compreende suas próprias crenças e limitações e pode buscar formas de superá-las. Isso resulta em uma educação mais significativa, que não apenas transmite conteúdos, mas que transforma e envolve os alunos de maneira profunda.

Por fim, quando o educador se vê como um agente de transformação social, ele se compromete não apenas com o ensino, mas com o impacto que pode causar em seus alunos e na comunidade. A educação torna-se, assim, uma vivência para a mudança, e a prática pedagógica, mais do que uma simples transmissão de conhecimento, passa a ser um meio de promover a justiça, a igualdade e o desenvolvimento humano.

Além disso, Weber (2019) aponta que a estrada biográfica é uma trilha essencial para a investigação das identidades profissionais, pois permite que os próprios docentes sejam protagonistas da construção do conhecimento sobre suas experiências.

A autoestudo e o relato de vida não apenas resgatam memórias individuais, mas também estabelecem relações entre essas vivências e o contexto social mais amplo. Como argumentam Passeggi, Souza e Vicentini (2011), ao analisarem suas próprias trajetórias, os professores conseguem identificar padrões, desafios e oportunidades que influenciam seu desenvolvimento profissional.

Essa análise permite que os docentes compreendam como fatores externos, como políticas educacionais e mudanças curriculares, afetam sua prática pedagógica e sua identidade docente. Diante desse impacto das políticas educacionais e mudanças curriculares, é fundamental considerar uma abordagem processual que humanize o processo de investigação, valorizando o enredo de vida dos docentes e seus desafios cotidianos.

Consonante a isso, a utilização da história de vida como processo de investigação na educação possibilita uma abordagem humanizada e sensível à realidade dos sujeitos envolvidos. Estudos como o de Carneiro, Neto e Santos (2020) indicam que esse desenvolvimento permite um aprofundamento na compreensão das condições de trabalho, das motivações e das dificuldades enfrentadas pelos professores, contribuindo para a formulação de políticas educacionais mais eficazes e alinhadas às necessidades reais dos educadores.

Outro aspecto relevante do relato de vida como meio de investigação é sua capacidade de promover um processo de formação continuada e desenvolvimento profissional. De acordo com Oliveira et al. (2019), professores que participam de pesquisas autobiográficas demonstram maior engajamento com suas práticas pedagógicas, pois a reflexão sobre suas trajetórias os leva a revisar concepções e metodologias de ensino. Esse processo se alinha com a perspectiva de que a formação docente deve ser contínua e construída a partir das experiências individuais e coletivas dos professores.

Além de contribuir para o desenvolvimento profissional dos docentes, a pesquisa autobiográfica tem sido empregada como trilha de amadurecimento na análise das relações entre educação e identidade cultural. Silva e Souza (2022) demonstram que, ao narrarem suas histórias de vida, professores que atuam em comunidades rurais conseguem resgatar e valorizar saberes tradicionais, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa para seus alunos. Esse aspecto reforça o papel da saga de vida na construção de práticas pedagógicas que dialogam com as realidades locais e socioculturais dos estudantes.

A abordagem autobiográfica também tem sido utilizada para investigar processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais. Estudos como o de Weber (2019) indicam que a formação biográfica pode ser aplicada na formação de professores da educação básica, possibilitando uma análise crítica sobre suas experiências e contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Essa perspectiva é fundamental para o aprimoramento da prática pedagógica e para o fortalecimento da identidade profissional dos docentes.

Atualmente, com a crescente disseminação das pesquisas autobiográficas como bem citado por Brito (2021) e seus efeitos formativos, é possível observar que muitos professores têm se dedicado a escrever sobre suas vivências e práticas, reconhecendo a importância dessas narrativas para a produção do conhecimento científico. Isso se confirma nas vozes dos professores que participaram das pesquisas de Sousa (2016), Silva (2017) e Santos (2017).

Esses estudos revelam que ao escrever ou compartilhar experiências profissionais – seja na formação ou no cotidiano docente – os professores conseguem reinterpretar essas vivências, atribuindo novos significados a elas. Como Souza (2008, p. 90) destaca, "As práticas de escrita de si e as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento por que têm na experiência sua base existencial."

Os professores ressaltam o impacto das narrativas no desenvolvimento de suas reflexões sobre suas trajetórias formativas e práticas pedagógicas, mencionando as contribuições da pesquisa autobiográfica para o autoconhecimento, a reinterpretação de suas ações em sala de aula e a relevância de assumir o controle de seus próprios processos formativos. Ao fazer isso, buscam alinhar seus objetivos e os conhecimentos adquiridos às suas necessidades e interesses pessoais. A necessidade de controlar a própria formação parece apontar para uma resistência a modelos formativos prescritivos, aos quais os professores têm sido repetidamente submetidos (Brito, 2021).

Os estudos analisados por Brito (2021) indicam que os processos de formação continuada de professores podem ter um impacto significativo, ou não, nas práticas docentes. Os resultados revelam que uma formação de caráter prescritivo tende a oferecer poucas mudanças nas práticas pedagógicas e na reformulação dos conhecimentos profissionais dos professores. Por outro lado, os estudos destacam a importância de uma formação crítica e contextualizada, que leve em consideração as necessidades dos professores, além das condições objetivas e subjetivas das suas práticas em sala de aula.

No campo da educação física, por exemplo, a saga de vida tem sido utilizada como trilha para compreender a construção da identidade docente e a relação dos professores com o

ensino da disciplina. Correia de Oliveira et al. (2019) investigaram a trajetória de professores-pesquisadores na educação básica e concluíram que a análise autobiográfica permitiu uma maior valorização das experiências individuais e do papel da pesquisa na prática pedagógica. Esse estudo reforça a importância da narrativa pessoal como instrumento de reflexão e aperfeiçoamento profissional.

2.4 A Pesquisa Autobiográfica como percurso

A utilização do relato de vida como jornada de investigação também se destaca pela sua flexibilidade no processo, permitindo a integração com outras abordagens qualitativas, como a pesquisa-ação e os estudos de caso. Cainelli (2022) ressalta que a combinação de diferentes trajetos ampliam as possibilidades de análise e possibilita uma compreensão mais abrangente dos fenômenos educacionais. Essa abordagem integrada tem se mostrado especialmente eficaz na investigação da formação de professores e na identificação de estratégias para o aprimoramento da prática docente.

Cainelli (2022) destaca que a combinação de jornadas pode ampliar as possibilidades de análise, permitindo que se explorem diferentes aspectos de um fenômeno, oferecendo uma visão mais holística e contextualizada. No caso da formação docente, a integração com outras abordagens trilhadas permite não apenas uma reflexão sobre as experiências passadas dos professores, mas também a identificação de estratégias para a melhoria contínua da prática pedagógica. A flexibilidade do trajeto da pesquisa autobiográfica permite que os relatos de vida se entrelaçam com outras fontes de dados, como observações, entrevistas e análises de documentos, ampliando o escopo da investigação e permitindo uma compreensão mais rica das realidades educacionais.

2.4.1 A Identidade Docente: Uma Construção Dinâmica e Contextual

A identidade docente pode ser compreendida como um processo dinâmico, relacional e contínuo de construção de significados sobre o ser e o fazer do professor. Esse processo está intimamente ligado às experiências vividas, às trajetórias pessoais e profissionais e aos contextos sociais, históricos e culturais nos quais o educador está inserido. Segundo Delory-Momberger (2006), a identidade não é um dado fixo, mas um devir: algo que se constrói à medida que o sujeito interpreta, ressignifica e narra sua experiência. Nesse sentido,

a narrativa autobiográfica torna-se não apenas um exercício de rememoração, mas um modo de constituição identitária, onde o educador articula memória, sentido e consciência de sua prática.

Amaral (2024) reforça essa perspectiva ao destacar que, por meio da narrativa de si, o docente tem a possibilidade de integrar diferentes momentos de sua trajetória, estabelecendo conexões entre suas vivências formativas e as escolhas pedagógicas atuais. Trata-se, portanto, de um processo de autoanálise que favorece a tomada de consciência sobre os sentidos atribuídos à docência e ao papel social do professor.

Para Brito (2021), a identidade docente emerge da articulação entre as experiências individuais e os desafios impostos pelo contexto educacional. Ao revisitar suas histórias, os professores são convidados a refletir sobre suas crenças, valores, saberes e práticas, o que lhes permite reconfigurar sua atuação com base em uma compreensão mais crítica e situada de sua profissão.

Nóvoa (2014) amplia esse olhar ao afirmar que a construção da identidade profissional docente depende do entrelaçamento entre o percurso individual e as condições institucionais que moldam a prática pedagógica. A identidade, nesse sentido, é também uma produção social, sendo constantemente tensionada pelas políticas públicas, pelas culturas escolares e pelas transformações sociais.

Assim, a identidade docente não deve ser vista como uma essência imutável, mas como uma construção narrativa e reflexiva, atravessada por múltiplas dimensões: subjetiva, social, cultural e política. Trata-se de um campo em constante negociação, onde o professor se reconhece, se transforma e se posiciona em relação às exigências da profissão e às demandas da sociedade.

A abordagem autobiográfica, nesse contexto, constitui-se como um instrumento potente para a construção dessa identidade, pois permite que o educador compreenda sua história como parte de um processo formativo mais amplo, no qual a experiência individual se entrelaça com os saberes coletivos e com os sentidos sociais da docência. A identidade docente, portanto, revela-se como uma construção viva e inacabada, permanentemente alimentada pela reflexão, pelo diálogo e pela ação pedagógica consciente e transformadora.

Essa flexibilidade constitui um dos principais aportes da pesquisa autobiográfica: sua capacidade de engajar os professores em um processo profundo de reflexão sobre sua prática e identidade profissional. Ao recorrerem à narrativa de suas próprias trajetórias, os docentes não apenas revisitam suas experiências, mas também são provocados a posicionar-se criticamente diante dos contextos sociais, culturais e institucionais que atravessam e

influenciam suas escolhas pedagógicas. Esse movimento de autoanálise favorece o autoconhecimento e a construção de sentidos sobre a docência, conforme ressalta Delory-Momberger (2006), para quem a narrativa autobiográfica é um processo contínuo de interpretação e ressignificação da experiência. Trata-se, portanto, de uma prática formativa que permite ao educador compreender sua formação como algo dinâmico, relacional e em constante transformação.

O uso do auto relato de vida como caminho de investigação na educação vai além do simples relato de eventos passados. Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), ela envolve uma reconstrução significativa da trajetória do educador, na qual o sujeito atribui novos significados a momentos vividos, conectando-os com suas práticas pedagógicas. Esse processo é essencial para a formação contínua de professores, pois possibilita que eles compreendam as raízes de suas práticas, permitindo-lhes uma análise crítica e construtiva do que fazem em sala de aula. A pesquisa autobiográfica, assim, não apenas contribui para o desenvolvimento profissional do docente, mas também fortalece a produção de conhecimento sobre os processos formativos e identitários no campo educacional.

Ao considerar a formação docente como um processo contínuo e dinâmico, a pesquisa autobiográfica destaca a importância de integrar a experiência pessoal com as transformações institucionais e sociais que permeiam o campo educacional. Aguiar, Medeiros e Dantas (2016) ressaltam que, ao investigar as trajetórias de vida dos professores, é possível identificar como as condições externas, como as políticas educacionais, o contexto institucional e as influências culturais, moldam e direcionam a formação e a prática docente. O relato de vida, portanto, não é apenas uma travessia para olhar para o passado, mas também um meio para os professores se posicionarem criticamente diante dos desafios do presente e se prepararem para o futuro da educação.

Além disso, Carneiro, Neto e Santos (2020) enfatizam que este relato, como caminho de investigação, possibilita uma análise profunda das experiências individuais, permitindo que se perceba como as influências sociais e institucionais impactam a formação e a prática pedagógica dos docentes. Ao se engajar nesse processo reflexivo, os professores têm a oportunidade de compreender como suas trajetórias estão imersas em um contexto coletivo, reconhecendo as tendências e padrões presentes em suas experiências e nos desafios que enfrentam no cotidiano escolar.

A história de vida, portanto, contribui para uma abordagem mais humanizada da pesquisa educacional. De acordo com Oliveira, Souza e Lima (2019), essa trajetória permite que se construa um conhecimento que dialoga com as necessidades reais da educação,

refletindo sobre os processos formativos de maneira sensível e contextualizada. A pesquisa autobiográfica permite que se ouçam as vozes dos professores e se reconheçam suas experiências, conferindo-lhes o protagonismo necessário para a transformação de sua própria prática e, por consequência, da educação como um todo.

Finalmente, a pesquisa autobiográfica se apresenta como uma poderosa trilha para a construção de saberes que não só enriquecem a prática pedagógica, mas também ampliam o entendimento sobre os desafios enfrentados pelos educadores. Ao integrar as narrativas individuais com os contextos mais amplos, essa abordagem oferece uma compreensão mais rica e completa dos processos de formação docente, favorecendo um desenvolvimento profissional mais reflexivo, crítico e alinhado às necessidades da educação contemporânea. A flexibilidade dessa trilha, aliada à sua capacidade de promover uma análise profunda e contextualizada, torna a história de vida um recurso imprescindível para a formação de educadores cada vez mais conscientes de sua prática e identidade.

Por fim, a história de vida, enquanto trilha metodológica na pesquisa educacional, não apenas contribui para o desenvolvimento profissional dos docentes, como também fortalece a produção de conhecimentos sobre os processos formativos e identitários no campo da educação. Como destacam Delory-Momberger (2006) e Passeggi, Souza e Vicentini (2011), essa abordagem oferece um olhar sensível e aprofundado sobre as vivências dos professores, possibilitando a construção de saberes mais humanizados, críticos e alinhados às complexas demandas da educação contemporânea. Assim, a narrativa autobiográfica afirma-se como uma potente ferramenta de reflexão, formação e transformação, tanto individual quanto coletiva.

2.5 Metodologia: Detalhando o processo metodológico

Recorte temporal da pesquisa O recorte temporal da autobiografia delimitou a trajetória desde o nascimento até os momentos de início das atividades docentes, contemplando o contexto rural inicial, a infância em diferentes fazendas, a escolarização primária e a experiência profissional na comunidade Criminoso. Essa delimitação permitiu acompanhar a constituição da identidade e da prática pedagógica em diferentes ciclos da vida, desde a origem familiar até a escolha profissional, garantindo uma narrativa coerente e abrangente sobre os processos formativos.

SELEÇÃO DAS MEMÓRIAS NARRADAS

As memórias foram selecionadas com base na sua capacidade de revelar experiências significativas que contribuíram para a construção da identidade docente e dos valores pedagógicos. Escolheram-se episódios que destacam contextos de mobilidade social, desafios familiares, vivências escolares e laborais, bem como interações institucionais e sociais que marcaram trajetórias pessoais e profissionais. Esse critério garantiu que o relato fosse representativo e reflexivo, evitando narrativas dispersas ou desprovidas de significado formativo.

ESTRUTURA NARRATIVA E CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO

A organização dos relatos seguiu uma estrutura cronológica-temática, distribuída em blocos que articulam fases de vida (infância rural, escolarização, início de trabalho) com eixos temáticos: pertencimento familiar, primeiros contornos religiosos e comunitários, experiências escolares e os desafios da docência em área rural. Esses eixos orientaram a seleção, garantindo coerência entre evento, reflexão e impacto formativo, e favorecendo uma análise interpretativa sobre como cada etapa contribuiu para a construção da identidade docente.

AUTOBIOGRAFIA COMO PROCESSO REFLEXIVO ESTRUTURADO

Ainda que a narrativa autobiográfica utilize relatos pessoais, não se trata de uma simples coleta de recordações: ela exige estrutura, rigor e intencionalidade. O método adotado incluiu procedimentos reflexivos como a identificação de temas recorrentes, a vinculação das memórias às influências sociais e culturais (Delory-Momberger, 2006), e o cruzamento com literatura sobre formação docente. Trata-se de um processo interpretativo que propiciou não apenas rememorar fatos, mas ressignificá-los à luz de novas compreensões, consolidando o relato não como lista de acontecimentos, mas como narrativa formativa.

POSICIONAMENTO CRÍTICO E AUTOCONHECIMENTO

Desde o recorte inicial até a redação final dos relatos, o método privilegiou um movimento contínuo de auto análise, no qual o sujeito não é mero narrador de passado, mas protagonista de sua própria constituição identitária. A escrita de si permite identificar decisões, conflitos e aprendizagens, favorecendo uma posição crítica sobre a prática pedagógica e seus contextos. Essa postura metodológica reforça o autoconhecimento como recurso para aprimorar a docência e ressignificar trajetórias formativas, em consonância com os fundamentos teóricos do estudo.

3 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Nasci no dia 02 de outubro de mil novecentos e oitenta, na cidade de Lavras no Hospital Vaz Monteiro às 17:10 de uma quinta-Feira. Era uma vida regrada e não estavam conseguindo transporte para levá-los a Lavras, já que moravam na zona rural, em uma fazenda chamada Criminoso, pois na época meus pais estavam no início do casamento e não tinha um carro. Situação financeira difícil.

O único vizinho na época, Augustinho, o dono de uma venda, já havia voltado a Lavras naquele dia, então a única saída seria pegar o último ônibus que passava muito longe de onde eles moravam. Meus pais saíram apressadamente, com minha mãe sentindo dores. Passaram na casa dos meus avós maternos e os levaram juntos. Ao chegarem em Lavras de ônibus, não conseguiram levar nenhum carro para levar minha mãe ao hospital.

Desceram do ônibus próximo a rodoviária de Lavras e foram de pé até o hospital Vaz Monteiro. Praticamente atravessaram a cidade. Minha mãe contou que eu era uma criança muito grande e ela começou a sofrer muito durante o parto como se isso não bastasse lhe foi aplicado nas veias um medicamento para aumentar ainda mais as contrações. Passaram-se mais de 06 horas e assim que minha mãe começou a dilatar e já estava perdendo suas forças, tentaram fazer o parto, mas não estavam conseguindo.

Sendo assim, tiveram que me retirar com fórceps, quebrando dessa forma a minha clavícula direita. Eu chorava copiosamente. Nada me acalmava devido às dores fortes. A única coisa a ser feita foi enfaixar meu braço junto ao corpo. Meu avô materno, Euclides Vilas Boas, era muito sistemático e queria brigar com toda equipe médica, principalmente com o médico responsável. Minha avó materna, juntamente com meu pai tiveram que acalmá-lo.

Depois de muito esforço e lutas, ele foi se acalmando e desistiu de agredir o médico plantonista. Eu era sua primeira neta. Era muito aguardada por todos, por isso ele se sentiu a pessoa mais feliz desse mundo ao saber que minha mãe estava grávida, foi por isso essa reação de explosão diante do acontecido. Meu avô materno infelizmente não pode me curtir e me aproveitar por muito tempo. Ele tinha um problema cardíaco, que infelizmente o levou a morte quando eu ainda tinha apenas 06 meses de idade.

Minha mãe relata que durante esses 06 meses de vida, meu avô me curtiu muito e teve tempo de qualidade. Minha mãe me levava na casa dele todos os dias à tarde e quando ela não levava meu avô e minha avó sempre iam à minha casa para me ver. Eu queria muito, muito mesmo tê-lo conhecido. Minha mãe não se cansa de repetir que eu era uma neta muito

esperada. Que já era amada mesmo durante a gestação. Quem me deu o primeiro presente foi ele. E esse presente é lindo. Um conjuntinho de lã na cor amarela, com uma florzinha bordada ao lado. Esse presente está guardado na casa da minha mãe até os dias de hoje. Ela o preserva e cuida com todo cuidado e carinho. Minha mãe o amava muito e sentiu muito por essa perda.

Meus padrinhos de batismo foram meu avô Euclides e minha avó paterna Geralda. Minha madrinha de crisma foi minha vó Santa, de consagração foi a Elmar. Ela era uma grande amiga da minha mãe. Minha avó ficou viúva muito cedo. Porém em minha foto de crisma, minha avó ainda estava de luto, devido a morte recente do meu avô. Foi uma perda irreparável pois sei que já era muito amada por ele mesmo antes do meu nascimento.

Minha memória começa aos 3 anos de idade. Minha primeira lembrança marcante é minha festa de aniversário, pois minha mãe me disse que faria bolo, balas, doces e pastéis feitos por ela. Quase ao entardecer, morando em nossa casinha pequena na fazenda onde meu pai trabalhava, de janelas de madeiras e tramelas também de madeira, portas de madeira, sem banheiro. Usávamos uma privada externa. O chão da nossa casa era de cimento queimado, porém, minha mãe como sempre muito caprichosa, encerrava esse chão que vivia brilhando como um espelho.

Me lembro da minha mãe de joelhos passando essa cera, com um paninho limpinho e depois lustrando com um pano bem macio, bem fofinho para não riscar. Como esse dia era meu aniversário estava aguardando ansiosamente a chegada dos meus avós paternos, minha avó materna e meus tios maternos. De repente minha mãe me chama e diz que Valquiria olhe lá no alto do morro, atrás da moita de bambu gigante, seus avós estão chegando. Quando eu olhei realmente eram os meus avós. Impossível não os reconhecer. Minha avó de pele branquinha, como sempre um vestido florido de comprimento nos joelhos, tecido macio e fino, um lenço combinando sempre com a estampa do vestido, protegendo seus cabelos brancos que batiam em seus ombros, porém sempre amarrados. Nunca a vi de cabelos soltos. Chinelas Havaianas azuis nos pés.

Meu avô sempre usava um chapéu preto, óculos escuros para proteger seus olhos, já que ela havia perdido uma de suas visões por uso incorreto de colírios, camisa social aberta, calça social também feita por minha avó, e botina. O meu avô tinha o hábito de colocar os óculos na testa. Isso me marcou muito e também o fazia ser conhecido e lembrado por todos devido a esse costume. Quando eles chegaram em minha casa recebi o melhor abraço do mundo do qual não esqueço até hoje. Era caloroso, quente, apertado.

E assim continuou chegando os próximos convidados. Chegou a minha avó materna mais conhecida como Dona Santa, com as mãos cheias de presentes, meu tio Sebastião com

um velotrol, meu tio José com um carrinho de pedal vermelho, minha tia né irmã da minha mãe com uma boneca bebê que mamava uma mamadeira de água e fazia xixi. Meu bolo tinha 3 cores em seu interior, sabor coco, laranja e chocolate. Cobertura de merengue que é a clara do ovo batida em neve com açúcar refinado e confeitado com bolinhas prateadas que eram bastante duras a ponto de até quebrar os dentes. Esse bolo tinha um sabor incomparável e inesquecível! Era o melhor bolo que eu já havia comido. Muito fofinho. E assim completei 3 anos de idade, a partir daí começam as melhores recordações que pude ter em toda a minha vida.

Começarei relatando sobre minha vida simples, humilde, porém muito feliz morando na zona rural do município de Lavras na fazenda Criminoso cujo dono se chamava Carnot Misseno de Pádua. A vida rural me ensinou sobre luta, perseverança e afeto. Esses saberes da experiência, como discute Bondía (2002), são o que nos formam enquanto seres humanos, na medida em que interagimos com o mundo ao nosso redor, formando uma rede de conhecimentos práticos e emocionais.

Os saberes da experiência, conforme Bondía (2002), diferem dos conhecimentos acadêmicos ou técnicos, pois são construídos a partir do vivido e internalizados de maneira singular por cada sujeito. Como ele afirma, "a experiência não é o que nos acontece, mas o que fazemos com o que nos acontece" (Bondía, 2002, p. 25). Isso significa que o aprendizado mais profundo surge da interpretação e ressignificação das vivências.

Um dos saberes mais importantes que adquiri ao longo da minha trajetória é a escuta atenta. Bondía (2002) ressalta que a experiência exige uma "disposição para receber", um estado de abertura que permite ao sujeito ser afetado pelo que acontece ao seu redor. No contexto educacional, essa escuta se traduz em uma maior sensibilidade às necessidades dos estudantes e na construção de relações mais significativas.

Outro saber fundamental é a paciência para o amadurecimento do aprendizado. Em um mundo acelerado, muitas vezes buscamos respostas imediatas, mas Bondía nos lembra que o conhecimento da experiência não se dá por acúmulo, e sim pela "duração" (Bondía, 2002, p. 24). Compreendi que algumas lições só são plenamente assimiladas com o tempo, e que permitir-se esse processo é essencial para a formação pessoal e profissional.

Além disso, a aceitação do erro como parte do percurso se tornou um aprendizado essencial. Na lógica tradicional, o erro é algo a ser evitado, mas, na perspectiva da experiência, ele se torna fonte de transformação. Como Bondía sugere, é preciso estar disposto a aprender com as falhas para que o saber da experiência possa se consolidar.

Por fim, um dos aspectos mais enriquecedores dessa reflexão é a noção de que o saber da experiência não está apenas nos livros, mas na leitura do mundo. Bondía (2002) pontua que "o que verdadeiramente ensina não são os discursos, mas os encontros, os gestos, os olhares" (p. 27). Assim, compreendo que a aprendizagem mais valiosa não está apenas no conteúdo formal, mas nas interações, nos desafios e nas ressignificações que realizamos no cotidiano.

Dessa forma, ao reconhecer a importância dos saberes da experiência, entendo que o verdadeiro aprendizado vai além da informação acumulada: ele se enraíza no vivido, na escuta, no tempo e na disposição para se deixar afetar pelo mundo.

A fazenda ganhou esse nome pois, no passado, por que segundo os moradores aconteceram assassinatos de ciganos que roubaram uma casa local e um morador, ficando enraivecido matou alguns integrantes desse grupo. Nessa fazenda morei juntamente com os meus pais por 6 anos. Meus pais eram muito trabalhadores esforçados, determinados, não mediam esforços para trazer conforto a mim. Me lembro perfeitamente da minha mãe fazendo chup-chup ou geladinhos para o meu pai vender na beira do campo de futebol aos domingos.

Tínhamos uma geladeira azul da marca Consul que minha mãe enchia o congelador com esses chup-chup coloridos e bem docinhos. Meu pai vendia todos rapidamente no domingo. Minha mãe incansavelmente fazia também molho de frango ao molho de carne bovina moída e recheava pães para que também meu pai pudesse levar e vender. Era tudo vendido rapidamente todos apreciavam e faziam fila na barraquinha que meu pai construiu com bambu gigante sendo as paredes e telhado feito com telha curva. Havia plantado ao redor do campo muitos bambus que ajudavam a fazer sombra e quando me sentava naquela grama sentia que era bem fresquinha devido a essas sombras. Também haviam muitos eucaliptos plantados ao redor.

Próximo a esse campo havia a fazenda que meu pai trabalhava como funcionário e havia um curral onde meu pai tirava leite de madrugada todos os dias incansavelmente. Me recordo que um dia meu pai foi atacado pelos cachorros da raça fila amarelos da boca preta que protegem esse local. Meu pai foi derrubado por esses cachorros pois eles não o reconheceram logo de manhã, antes do Sol nascer. Estava muito escuro. Meu pai gritava com eles mas, não pararam. Ainda bem que havia uma pá próxima deles. Meu pai foi se arrastando com o cachorro ainda grudado nele. Pegou a pá e conseguiu retirar o cachorro depois de muito esforço e quase já perdendo as forças.

Os pontos que meu pai levou são as marcas que ele carrega dessas cicatrizes em seu peito até hoje, ou seja, marcas de um passado de dores, lutas e esforços. Sem contar suas mãos

calejadas, unhas curtas, cicatrizes em suas mãos, braços, pernas que fizeram dele dia após dia um homem com marcas de batalhas que hoje se tornaram vitórias.

Minha avó materna foi professora quase a vida toda, iniciando sua carreira em um local chamado Naca próximo ao Peixeiros não ficando muito distante dessa fazenda onde morávamos. Com o passar do tempo minha avó foi transferida para a escola dentro dessa fazenda que atendia alunos dos funcionários que trabalhavam ali e da região. Um dia minha mãe estava ocupada com seus afazeres domésticos e como de costume minha avó passava em nossa casa todos os dias de manhã antes de dar aulas, eu fugi e acompanhei minha avó sem minha mãe perceber.

Minha mãe começou a me procurar por todos os lugares e não me encontrava, abordando todos os meus vizinhos e nada de me encontrar. Minha mãe deduziu que eu teria ido às escondidas atrás da minha vó pois amava estar com ela durante suas aulas. E sim, realmente eu estava com minha avó. Me lembro que minha mãe apertava minha mãozinha gordinha. Me trouxe para casa e me deu um belo de um corretivo por ter fugido sem falar com ela. O meu pai quando chegou em casa à tarde depois do trabalho também ficou sabendo do ocorrido e acabei apanhando pela primeira e última vez pois, nunca mais meu pai me corrigiu com vara.

Essa correção me marcou bastante pois eu nunca imaginei que meu pai teria coragem de me bater e confesso que fiquei decepcionada com ele por alguns dias pois ficaram marcas em minhas pernas da Vara. Depois de adulta fui entender que só apanhei por que eles achavam que os cachorros poderiam ter me atacado.

Um belo dia eu resolvi pregar mais uma peça em meus pais, porém, nesse dia meu pai estava em casa. Eu desapareci mais uma vez e meus pais me chamavam pelo meu nome e eu não respondia. No fundo da minha casa passava um córrego muito fundo e havia uma ponte ou pinguela feita de madeira de eucalipto roliça, porém, não muito grossa. Meus pais gritaram para minha tia Sebastiana perguntando se eu havia chegado lá pois eu gostava muito de ir na casa dessa tia. Minha tia respondeu que eu não havia ido lá. Meus pais foram na casa de todos os vizinhos perguntando se eu estava lá, porém todos davam uma resposta negativa.

Depois de passarem horas me procurando, olhando por todos os lugares, meu pai foi até uma fábrica de laticínios abandonada próxima da nossa casa e de lá olhou para nossa casa e me viu brincando no esgoto da pia de nossa casa, sentada no barro preto, cheio de pó de café velho, cheio de gordura que era lançada da pia. Quando meus pais me pegaram nessa poça de barro eu estava totalmente irreconhecível pois além de estar sentada dentro da poça eu batia com as duas mãozinhas e aquele barro era jogado para o alto e caía em cima da minha cabeça.

Minha mãe conta que teve que me dar quatro banhos para sair o cheiro ruim e desagradável. Nesse dia não tiveram coragem de me dar uma correção mais séria pois se sentiram aliviados de terem me encontrado pois, já estavam pensando o pior, algum cachorro ter me arrastado, ou algum boi solto pelo pasto próximo de casa ter me machucado, ou até mesmo ter caído no córrego.

Na fábrica de laticínios abandonada próxima à minha casa, costumava criar meu pequeno refúgio, um espaço de faz de conta. Como ressalta Vygotsky (2007), a brincadeira simbólica permite à criança dar forma ao mundo ao seu redor, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades cognitivas e sociais. Naquela casinha improvisada, eu tinha vários utensílios domésticos que minha mãe não mais usava e descartava, mas ela me cedia esses objetos para que eu usasse no meu mundo imaginário.

Dentre os itens estavam latas de extrato de tomate, latas de doce de marmelada, latas de cera Parquetina, latas de salsicha e almôndegas. Com as cascas de ovos, fazia bonequinhos usando sabugo de milho, sendo a casca de ovo a cabeça desses bonequinhos que, na maioria das vezes, eram meus filhos ou visitas nesse meu universo. Eles comiam os bolos de barro que eu preparava e colocava nas latas, decorados com milho, feijão, arroz, terra, pedrinhas ou palitos de fósforo.

Com o tempo, meus pais perceberam o quanto eu me divertia com essas brincadeiras e, então, compraram panelinhas de ferro. Uma delas, redonda, com três pezinhos embaixo, se encaixava perfeitamente em uma trempe de três boquinhas. Meu pai fez um fogãozinho pequeno e, com carinho, preparava pequenas refeições, como arroz, pipoca, macarrão e até usava um pouco do feijão de minha mãe para fazer "minhas" comidinhas.

Na fábrica de laticínios desativada, havia também uma sala de defumação com paredes grossas e pretas. Eu tinha muito medo de entrar nesse local, acreditando que fosse mal-assombrado. No entanto, com o tempo, fui superando esse medo. Ao lado da fábrica, havia uma substância preta no chão que meu irmão Wesley e eu chamávamos de "pedra mole" porque era algo macio. Tentamos arrancar um pedaço, mas sem sucesso.

A planta de eucaliptos ao lado da fábrica também me trazia uma lembrança olfativa: o cheiro do desinfetante do banheiro. Meu pai trabalhava com a motosserra, cortando eucaliptos para construir várias estruturas na fazenda, como paredes de paiol e pontes. Durante essas atividades, eu brincava na minha casinha dentro da fábrica, enquanto ele estava ao lado com a motosserra, cortando as árvores. Antes de derrubar uma grande árvore, meu pai desligava a motosserra e gritava: "Madeira!" Essa cena me remete ao que afirma Arendt (1958), quando descreve o valor do trabalho manual, visto como um elo entre a humanidade e a natureza.

Durante a época de jabuticabas, meus pais e eu íamos à colheita. As jabuticabas "olho de boi", grandes e doces como mel, eram tão grandes que mal cabiam na boca. No fundo da nossa casa, ao lado de uma poça d'água onde eu costumava desaparecer, havia uma plantação de inhame e taioba. Meu pai colhia os tubérculos e os colocava na peneira de milho, deixando-os secar ao sol. Esses momentos simples, mas cheios de vida, me ensinavam, como ressalta Freire (2001), a importância da conexão com a terra e os processos naturais para o aprendizado e o crescimento.

Eu tinha apenas gatos como animais de estimação e um cachorro macho chamado Lassie. Um dia, Nitinha, uma vizinha querida, me trouxe um presente: uma galinha branca, que passou a ser mais um de meus animais de estimação. Cheia de entusiasmo, fui à escola contar à professora Marlene sobre a novidade. Com muito orgulho, disse-lhe que a galinha botava vários ovos por dia. Ao chegar em casa, contei à minha mãe sobre a conversa com a professora, e ela, com carinho, me corrigiu, dizendo: "Minha filha, as galinhas normalmente botam um ovo por dia. Amanhã você deve explicar à sua professora que se enganou." No dia seguinte, voltei à escola e expliquei à dona Marlene que havia cometido um pequeno erro. Esse episódio me ensinou a humildade e a importância de reconhecer os próprios enganos, como destaca Lima (2023) ao falar sobre a aprendizagem através da experiência.

Em nossa casa, na porta da cozinha, havia uma vasta plantação de hortaliças, cuidadosamente cultivadas por meu pai. Entre elas, destacava-se uma plantação de tomates grandes e suculentos. Meu pai, com sua habilidade de artesão, fabricava cestas de bambu trançadas e, de vez em quando, colocava os tomates nessas cestas e saía de casa em casa para vendê-los. Além dos tomates, ele também cultivava alho, que ele transportava e vendia, e mel, que ele extrai da fábrica de laticínios onde trabalhava. Além disso, ele vendia ovos, e era minha responsabilidade recolhê-los todos os dias à tarde.

Em uma dessas ocasiões, meu cachorro Lassie me acompanhou no galinheiro, onde eu recolhia os ovos. Eu usava uma cabaça cortada ao meio, chamada de cuia, para colocar os ovos. Em uma brincadeira, amarrei as orelhas, a boca, as patas e o rabo do Lassie com fitas de tecido. Irritado, ele conseguiu desfazer o nó e me deu uma mordida. Meu pai chegou correndo para me socorrer, mas, apesar de sua bronca, me explicou que o cachorro não deveria ser tratado daquela forma, e que poderia ter sido pior ainda. Até hoje, carrego a cicatriz dessa mordida no meu pulso esquerdo.

Em outra época, meu pai também cultivava arroz. Ele espalhava o arroz ainda em casca em um pano, na porta da cozinha, para secá-lo. Era minha função ficar de olho no arroz, impedindo que as galinhas se aproximassem para roubar os grãos. Um dia, o galo índio

vermelho, que era o animal de estimação do meu pai, se aproximou do arroz, e eu, com medo de que ele comesse, acabei batendo nele com a vassoura. Infelizmente, quebrei uma das pernas do galo, e minha mãe teve que sacrificá-lo. O momento mais temido foi quando meu pai chegou em casa e tivemos que contar o que havia acontecido. Ele não ficou bravo, ao contrário, me explicou pacientemente que não era assim que se espantava as galinhas.

Na entrada da nossa sala, havia um paiol de madeira onde meu pai guardava o milho que serviria para alimentar as galinhas e os porcos durante todo o ano. Esse milho também era utilizado para fazer fubá e canjiquinha para o consumo da família. Todos os dias, era minha responsabilidade descascar e debulhar o milho para as galinhas e os porcos. Quando o fubá acabava, eu debulhava as espigas mais bonitas e as levava para o moinho de água da fazenda, onde trocamos por fubá moído.

O milho dos porcos era depositado em um tambor com água, onde ficava de um dia para o outro, para que os grãos se enchessem e facilitam a digestão dos porcos. Isso ajudava no crescimento deles, acelerando o processo de engorda. Dentro do paiol, havia também algumas ratazanas, e muitas vezes eu precisava pedir ajuda ao meu gato, Balde de Cebola, para me livrar dos ratos. O Balde de Cebola era um gato branco e preto, sempre pronto para me ajudar.

Quando cheguei à idade escolar, meu pai, que tinha o dom de carpinteiro, fez uma pequena mesa e cadeira de ripas estreitas e delicadas para eu usar. Essas peças se tornaram minhas companheiras durante quase toda a minha jornada escolar. Na parede da nossa sala, havia fotos do casamento dos meus pais, ainda em preto e branco, além de uma foto minha, ainda bebê, sentada em um pequeno banco de madeira. Eu usava uma corrente no pescoço, de onde meu bicho favorito, um pica-pau de cabeça vermelha, estava pendurado.

Além disso, na sala, havia armários vermelhos, uma mesa e um sofá de couro vermelho escuro. O armário tinha três gavetas e, como eu adorava pica-paus, minha mãe conseguiu pegar um pica-pau de cabeça vermelha e trancá-lo em uma dessas gavetas. Esse pica-pau, que se tornou uma espécie de lembrança especial para mim, simboliza minha infância cheia de aventuras e momentos de aprendizagem com meu pai, que me ensinava sobre a vida e os cuidados com a terra, os animais e as plantas.

Esses momentos e aprendizados foram fundamentais para o meu crescimento e para minha compreensão do mundo à minha volta. Ao cultivar a relação com a natureza, a memória afetiva também se fortalece, como defendem estudiosos que abordam a importância das vivências infantis no processo de aprendizagem.

Ao chegar da escola minha mãe me disse que tinha uma surpresa para mim e quando eu abri a gaveta do armário estava lá um lindo pica-pau de cabeça vermelha. Que dia feliz! Sobre a mesa vermelha da sala ficava um rádio e uma TV preto e branco. Todos os dias na madrugada minha mãe ligava seu rádio, eu ouvia a hora, signos, músicas caipiras, telenovelas, e o Zé Betio. Na TV tínhamos o hábito de assistir às novelas e a Pantera Cor-de-Rosa, que era transmitida às 22:00 da noite sendo assim meu desenho preferido. Nos dias em que estávamos em minha avó, eu sempre lembrava meus pais que tínhamos que ir embora pois era tarde e já estava quase começando a Pantera Cor-de-Rosa. Jamais perdia um episódio.

Meu pai me colocava sobre seus ombros, eu segurava em seus cabelos e vínhamos rapidamente para casa, iluminando o nosso caminho com lamparina abastecida por querosene ou então uma luminária de vidro em seus quatro lados e em seu meio meu pai fixava uma vela na qual não se apagava com o vento porque era protegida pelos vidros. Essas lamparinas e essa luminária também eram usadas em nossas caminhadas de casa em casa em tempos de novena e oração do terço ou mesmo quando íamos visitar algum vizinho. De longe se via o clarão da luminária.

Na porta da nossa sala havia um Jardim no qual minha mãe cuidava com muito carinho. Nele estava plantado Jorgina cor de rosa, 2 horas, margarida branca, margarida amarela, palmas vermelhas, e dalias. Minha mãe limpava esse Jardim e todo o quintal com uma vassoura que ela mesmo colhia próximo à nossa casa chamada Alecrim. Ela amarrava o alecrim em um cabo feito de bambu mais fino, ficando parecido com um cabo de vassoura e arame.

Meus tios paternos moravam muito longe de nossa casa e de vez em quando vinham nos visitar. Nessas visitas eles sempre me traziam balas e pirulitos. As balas normalmente eram de coco queimado, chita e abacaxi, ou de sabor morango com recheio de chicletes. Era uma alegria quando vinham.

Com bastante frequência que faltava água em nossa casa. Havia um depósito grande de água na qual a caixa era feita em formato retangular de cimento. Minha mãe e eu tínhamos que ir nessa caixa e tirar o ar que entrava no cano, pois esse ar impedia que a água chegasse em nossas casas.

Havia uma vizinha do lado que se chamava Nilma, brincávamos o dia todo e criamos um grupo chamado Bonde balde de cebola. O nome foi dado ao grupo devido ao meu gato que também se chamava Balde de Cebola. Infelizmente esse gato morreu muito cedo pois ele foi tomar água no vaso sanitário e se afogou, me fazendo chorar por dias e noites seguidas.

Nilma e eu fazíamos também casinhas imaginárias nas moitas de bambu no fundo da minha casa.

Nessa casinha reaproveitamos tudo o que podíamos, inclusive latas de tinta. Um belo dia eu tive a brilhante ideia de pendurar uma lata de tinta de 360 ml no alto do bambu. Minha amiga Nilma quando foi adentrar a nossa casinha, encostei no bambu e a lata de tinta caiu em sua boca, quebrando o dente superior da minha amiga. Ela começou a chorar copiosamente pois além da dor sua boca estava sangrando. Eu entrei em desespero total pois fui tentar acalmá-la e ela estava muito brava e chateada. Ela foi correndo para sua casa e eu fui correndo para a minha. Demorei para contar pra minha mãe, pois achei que minha mãe fosse me bater.

No outro dia a vizinha procurou minha mãe para conversar, ele contou o que havia acontecido. Acabei ficando de castigo. Porém insistia com minha mãe dizendo que eu não tinha culpa pois não imaginava que a lata fosse cair em cima da minha melhor amiga. Ficamos sem nos falar por dias. Mas nem isso nos separou pois éramos inseparáveis, uma amizade inesquecível. Não nos cansávamos de brincadeiras diferenciadas. Nossa próxima casinha foi em um chiqueiro abandonado na casa da Nilma, ficava debaixo de uma moita de bambu gigante amarelo.

Nessa casinha tínhamos prateleiras de madeira na qual colocamos todas as nossas latinhas, algumas até já enferrujadas e desgastadas pelo tempo, pois como colocamos muito barro, logo elas enferrujam e tínhamos que pedir às nossas mães para reservar outras novas. Fazíamos também bonecas de milho que colhíamos das plantações próximas das nossas casas. Fazíamos trancinhas nos cabelos que variavam de cor como por exemplo cabelos brancos, cabelos vermelhos, e cabelos amarelos. Além das trancinhas fazíamos também rabinhos e esses bonecos se tornavam nossos filhos, nossos parentes, amigos e visitas. A mãe da Nilma também não jogava fora as cascas dos ovos, pedimos às nossas mães para que não quebrassem ao meio esses ovos, que apenas fizessem um buraquinho pois dessa forma passávamos o sabugo de milho dentro desse buraquinho, fazendo o formato do corpo.

Criamos roupinhas de tecido e fazíamos a roupa que desejávamos nesses bonequinhos. Também levávamos para nossas casinhas as nossas bonecas que na maioria das vezes eram de plástico, praticamente sem feição. Brincávamos de escorregar nas folhas do bambu pois a descida era muito forte e era emocionante escorregar até lá no fundo. Às vezes usávamos casca do Coqueiro que se desprendia lá do alto como se fosse nosso carrinho ou caixas de papelão que vinham latas de óleo de soja ou até mesmo latas de cera, querosene. Tudo virava um brinquedo novo, não consigo entender de onde saía tanta criatividade.

Foram muitas emoções e joelhos ralados. Éramos Unidas, sempre nos defendemos diante de situações e correções por parte de nossos pais. Ia para casa da Nilma e esquecia que tinha horário pra chegar em casa. Ao chegar em casa recebia aquela bronca pois minha mãe era muito brava e não perdoava, sempre preocupada que eu estivesse dando trabalho na casa da minha amiga, fazendo coisas erradas longe do seu campo de visão . Minha mãe sempre foi muito sistemática e nunca perdoava por esses atrasos.

Quando o porco já estava bem grande normalmente era um porco da raça caipira com pintas pretas e brancas, suas patas pareciam unhas de burro, estava na hora de abater. Normalmente meu pai o matava bem de madrugada o mais cedo possível pois no dia de abater o porco era um dia muito trabalhoso e necessitamos de várias ajudas como por exemplo da minha avó materna, da minha tia materna tia Né, da irmã do meu vô Lourdes. O meu pai ajudava um pouco antes do trabalho e o restante deixava as mulheres terminarem.

Primeiramente eram retiradas todas as carnes dos ossos, depois eram retiradas as gorduras da pele picadas em pedaços bem pequenos para logo levar ao tacho. Para fazer gordura. Essa gordura era utilizada para cobrir a carne que também seria cozida. Essa carne era conhecida como carne de lata. Essa gordura também era usada para o preparo de outros alimentos, até o próximo porco ficar bem grande. Além disso, também eram separadas carnes adequadas para fazer linguiça. A responsável por lavar as tripas do porco adequadamente com toda a higiene necessária era minha tia Lourdes. Minha tia raspava todas as tripas até ficarem transparentes, lavava bem e depois deixava submersas no caldo de limão. Minha tia Lourdes gostava de comer o cérebro do porco, coisa que ninguém gostava. Minha tia Né era responsável por limpar os pés do porco. Dizia que era o que ela mais gostava de fazer nesse dia e realmente era pois, os pés ficavam todos branquinhos.

Eu que já estava com mais ou menos 6 anos de idade gostava de moer a carne e ajudar a encher linguiça. Amava ir no pé de limão apanhar um espinho bem grande pois ao encher a linguiça sempre acumulava ar dentro da tripa e era necessário fazer um pequeno furinho para que se esse ar se retirasse e não afetasse a produção e o rendimento do enchimento da tripa. Moemos também um pouquinho de banha para misturar à linguiça pois ficava com um sabor único quando colocamos essa gordura junto à carne. O tempero era pimenta Comari, daquelas bem vermelhinhas, Alho e Cheiro Verde. Me lembro como se fosse hoje, era a melhor linguiça do mundo, o sabor é inesquecível.

Para concluir a fabricação de linguiça, era necessário que elas fossem penduradas bem próximas do fogão a lenha, para que elas recebessem a fumaça do fogão e ficassem com um gosto único, especial. Também juntamente a essas linguiças eram penduradas o chouriço que

era preparado com o sangue do porco, pedaços de gorduras que ficavam próximas às vísceras do porco, sal ou açúcar. Me lembro que meus pais faziam os dois sabores pois, algumas pessoas gostavam dele doce e outras pessoas gostavam dele salgado. As tripas mais finas que sobravam encheram-se de ar e também penduram no alto do fogão, para tomar a fumaça. Depois de secar, minha mãe as fritou na gordura de porco. Me lembro que o gosto era bem sequinho, mas não gostava muito. Ficava pensando que as fezes do porco estavam ali e eu não conseguia comer.

Nesse dia que acabou sendo um dia de muita alegria, animação, conversas sendo colocadas em dia, novidades, planos e sonhos. Com um dia de antecedência, meu pai colhia a mandioca de um pé que as raízes já estivessem meio descobertas na terra. Minha mãe já descascava e deixava as submersas na água para não escurecer. Depois que terminamos de cozinhar as carnes, o que restava no fundo do tacho, jogávamos mandioca cozidas e era o nosso primeiro almoço após matar o porco. O sabor era inesquecível, jamais esquecerei.

Nesse dia também era preparada a fissura mole e a dura pois, não podiam ser consumidas no outro dia. Não havia prazer maior em saborear aquela carne submersa na gordura que depois de fria fica bem firme. O sabor era diferente, era especial, pois havia amor, carinho, dedicação, envolvimento, união, isso não tem preço. Depois que terminamos de picar parte por parte do porco a minha mãe já havia separado com antecedência a embalagem do açúcar e do arroz. Me lembro que minha mãe não descartava essas embalagens pois sabia que no dia que fosse abater o porco precisaria desses plásticos. Nilma e eu éramos as responsáveis de distribuir a todos os vizinhos um pouquinho de carne.

Consequentemente não ficávamos sem carne pois todos os vizinhos que também abatiam os porcos nos davam um pedacinho. Era uma troca muito bonita. Ou ganhamos carne ou ganhamos linguiça. Mas nunca ficávamos sem carne pois sempre algum vizinho matava o porco e nos dava um pouquinho. Minha tia Sebastiana era a primeira a receber a sua carne do dia. Quando Nilma e eu a chamávamos. Tia Sebastiana respondia rapidamente pois já sabia que era a entrega de carne pois, como morava muito próximo da nossa casa de madrugada ela já havia ouvido o grito do porco ao morrer. E seu cachorro Peri logo vinha abanando o rabinho para nos receber, todo feliz.

Tia Tiana, como a chamávamos, sempre nos recebia com um abraço caloroso e dizia: Minhas filhas sabiam que iriam chegar com a carne para o almoço nem havia preparado nada pois imaginei que não fossem demorar. Agradecia separava algo que tinha em sua casa, nos entregava como recompensa para levarmos também para nossas casas. Nunca voltávamos de

mãos abanando ou vazias. Sempre foi assim uma troca. Éramos tão felizes que não parecia haver problemas, preocupações ou ansiedades.

Perto de nossas casas moravam também a Gilzane e a Elizane. São minhas primas distantes, por parte do meu pai e eram mais velhas. Elas amam brincar comigo. Certo dia fomos brincar na fábrica de laticínios desativada e nessa fábrica havia uma colmeia de abelhas Europa que produziam incansavelmente muito mel. Meu pai periodicamente extraía esse mel, embalado em garrafas de vidro e vendia com sabugo de milho e vendia. Num belo dia brincando ali com minhas amigas, as abelhas se enfureceram e começaram a nos atacar. Como eu era muito pequena e não conseguia correr rápido, Gilzane e Elizane foram grandemente corajosas.

Muitas abelhas grudaram em seus cabelos, porém, não quiseram me deixar para trás e com o intuito de me proteger, levaram muitas picadas das abelhas. Minha mãe saiu correndo assustada para nos socorrer pois gritávamos incansavelmente e quanto mais gritávamos, mas as abelhas se enfureceram e nos atacavam. Me lembro da minha mãe passando arnica em todo o nosso corpo, mas nada amenizava a dor. Eu fui a que menos foi picada, graças às meninas. Foi a maior lição das nossas vidas, nunca mais voltamos a brincar na fábrica de laticínios gritando ou falando alto pois sabíamos que ele iria agitar as abelhas.

Até que enfim tudo mudou e recebo a notícia que não mais seria filha única, minha mãe estava grávida. A primeira pergunta que fiz a minha mãe foi se seria menina pois queria muito uma companhia. Me lembro da minha mãe soltar um belo sorriso e dizer: só o papai do céu sabe, minha filha. Mamãe não sabe se será menino ou se será uma menina. Os meses se passaram e me lembro de minha mãe estar ficando com a barriga muito grande. Eu queria saber por que a barriga da minha mãe estava crescendo. Minha mãe me disse que a Cegonha havia colocado um bebê dentro da sua barriga e eu, a partir desse momento, comecei a observar o céu pois, tinha medo que a Cegonha também colocasse um bebê em minha barriga e eu não queria.

Daí minha mãe ao observar que eu estava olhando muito para o céu, perguntou o que estava acontecendo, aí eu disse a ela que estava com muito medo e ela sentou comigo para esclarecer que a Cegonha só deixaria um bebê em minha barriga quando eu estivesse bem grande e já estivesse casada. Daí em diante me senti muito aliviada e não fiquei mais observando os céus da nossa casa com medo que aparecesse alguma Cegonha. Minha mãe estando grávida do meu irmão precisou acompanhar e auxiliar o meu pai na extração do mel das abelhas, porém, não se sabe se a fumaça que acalma as abelhas estava fraca, e mais uma vez as abelhas ficaram muito agitadas e começaram a picar meu pai e minha mãe. Minha mãe

ao se sentir coagida e desesperada saltou - se do alto da caldeira da fábrica, esquecendo assim que estava grávida do meu irmão.

No outro dia minha mãe acordou com dores de contrações e acreditamos que esse o salto tenha antecipado o parto do meu irmão Wesley. Logo de manhã quando acordei, minha mãe me disse que teria que ir para Lavras pois não estava se sentindo muito bem e que talvez seria a hora de acontecer o parto. Logo em seguida chegou minha tia Né para ficar comigo de companhia. Minha tia suspeitando que minha mãe iria ganhar meu irmão, me levou para a casa dela e acabei passando a noite lá. No outro dia bem cedinho como era mês de julho, o dia amanheceu com uma neblina muito forte, frio extremo e geada por todo lado. Me lembro de pisar na grama e ela estar totalmente congelada.

Ao chegarmos em minha casa minha tia limpou a casa rapidamente pois sabia que minha mãe já estava chegando com o bebê. Por volta das 9:00 da manhã tive a grande surpresa que foi um dos dias mais felizes da minha vida, ver meu irmão Wesley pela primeira vez. Quando o carro parou na porta da nossa casa, saí apressadamente ao encontro dos meus pais para conhecer o mais novo membro da nossa família. Minha mãe tirou do seu rosto uma fralda que o cobria. Aqui está seu irmão, minha filha. Disse minha mãe toda sorridente.

Muito Branquinho, com as bochechas vermelhinhas devido ao frio extremo. Logo levamos para dentro de casa e o protegemos com cobertor bem quentinho. Para mim tudo era novidade, ver minha mãe amamentando, ver minha avó dando o primeiro banho que por sinal ela cuidou para minha mãe até cair o umbigo. Como eu ainda tinha em minha mente que meu irmão seria uma menina, eu só pude acreditar que realmente não era quando minha mãe trocou as fraldas pela primeira vez. Mas a minha alegria foi tão grande que não me importei que fosse um menino. O amei daquele dia em diante incondicionalmente, sendo até hoje o melhor amigo que tenho.

Nossa vida na roça nunca foi monótona e repetitiva. Aos domingos tínhamos o hábito de ir à missa numa capela situada nessa fazenda da qual o meu pai trabalhava. Essa capela ficava no alto. Era rodeada por Coqueiros nos quais quando aqueles belos cachos se amadureciam eram doces como mel, sua cor ficava laranja. Eu tinha o prazer de me sentar debaixo, jogar uma pedrinha para que caísse um coco novo em minha cabeça e assim eu chupava e aquelas linhas ficavam entre meus dentes e não havia nada mais saboroso no mundo. Os cocos que já estavam secos no chão eu os partia ao meio com pedrinhas eu comia a castanha do seu interior, também eram muito saborosos.

Após a missa, íamos todos para a casa da minha avó materna pois, era de costume nos reunirmos para o almoço que por sinal sempre eram maravilhosos, inesquecíveis! Nesses

encontros estavam meus primos, tios e tias. Normalmente minha avó fazia frango caipira ou alguma massa caseira que ela mesma preparava, como por exemplo cappelletti. Não podia também faltar a carne de porco de lata. De sobremesa nunca deixou de faltar o doce de leite branquinho que derretia na boca, o manjar da rainha que era um doce feito de creme e calda caramelizada, arroz doce moreninho, doce figo, de laranja, goiaba e pêsego. Jamais irei esquecer desses sabores tão especiais e realmente marcantes.

Depois que almoçamos e comíamos muitos desses doces, sentávamos na varanda da porta da sala e ficávamos horas conversando, brincando. Essa varanda ou alpendre era feita de cimento vermelho no qual minha avó passava cera e ficava com brilho maravilhoso que parecia um vidro. Ao lado da varanda havia um Jardim e nele havia margaridas brancas, amarelas, palmas na cor laranja, vermelha, palha e branca. Havia uma flor de nome grinalda de noiva. Havia uma planta também chamada coroa de Cristo, com muitos espinhos pontiagudos, que soltavam leites ao serem podadas.

Um belo dia meu irmão brincando próximo a coroa de Cristo se desequilibrou e caiu de joelho em cima dessa planta. Foi muito difícil a extração desse espinho pontiagudo, meu irmão não parava de chorar. Mas minha avó com muita calma e paciência conseguiu extrair o espinho. Do lado da varanda também havia uma árvore de ipê amarelo. Nesse galho o maior dessa árvore havia um balanço feito de corda e o assento era feito de tábua de madeira e ficávamos balançando por horas e horas neste balanço.

Havia uma regra nesse balanço, cada criança podia se balançar 10 vezes e tínhamos que ceder lugar para o próximo primo pois, do contrário, daria briga na certa. Do lado do balanço havia um enorme pé de jabuticaba que minha avó sempre nos avisava com antecedência quando elas estavam amadurecendo, para que não perdêssemos a oportunidade de apreciá-las. Os marimbondos começaram a chupar cedo e tínhamos que ser mais rápidos. Tudo era motivo para nos reunirmos. Era muito comum meu tio Sebastião nos convidar para fazermos churrasco de pombinhas.

Me lembro nitidamente que a carne era roxa, mas eu não gostava de comer a pele pois tinha um gosto muito forte. Os pedaços eram realmente muito pequenos. Nesses churrascos de bombinha a bebida que tomávamos era vinho tinto que vinha em um garrafão de 5 litros, envolto em uma tela de plástico verde, para servir de proteção. Foram momentos inesquecíveis de muitas risadas, conversas e demonstração de carinho. Um certo dia, estávamos todos os primos brincando com o pilão pequeno da minha avó de amassar alho e temperos, meu irmão encheu esse pilão de barro e arremessou.

Eu passei na frente e o pilão acertou a minha costela em cheio. Quebrou na hora. Meus pais precisaram me levar ao médico urgentemente. O médico não pode fazer muita coisa e disse não ser possível engessar a costela. Meu irmão levou uma grande bronca, porém eu expliquei que ele não teve culpa pois ele não arremessou diretamente em mim.

O sofá da Sala da minha avó se transformava em sofá cama e no seu fundo havia um outro espaço para guardar documentos, fotos e papéis. Me lembro que minha avó guardava nesse espaço os nomes das matrículas e diários de toda a sua vida escolar. Eu amava folhear aqueles livros antigos e já amarelados pelo tempo, procurando nomes de pessoas que talvez eu conheça. O dia que encontrei os nomes dos meus tios e do meu pai fiquei muito surpresa em saber que minha avó havia dado aula a eles.

As portas e janelas da casa da minha avó eram de madeira na cor azul. Para trancar as janelas, haviam tramelas também feitas de madeira, que ao girar não permitia que a janela se abrisse. Debaixo da cama da minha avó havia um penico na cor azul. Naquela época ainda não havia banheiro por isso, para não levantar à noite no escuro e ter que usar a privada no quintal da casa, se eu usava o penico. O tanque da casa da minha avó ficava ao ar livre do lado de uma casinha de depósito que sempre foi morada das pombinhas. A água que saía desse tanque de lavar roupas, irrigava vários pés de flor copo de leite.

Essas flores eram enormes, cheirosas e branquinhas. Minha avó cortava algumas para colocar junto a imagem de Nossa Senhora Aparecida durante suas orações. Minha avó também colhia algumas flores para levar ao cemitério em homenagem ao meu avô Euclides no dia de Finados. A igreja Capela do criminoso também solicitava algumas flores a minha avó para a decoração da missa dominical cuja padroeira é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Um dia quando estávamos subindo um morro bem forte para irmos para a casa da minha avó materna, eu perguntei a minha mãe quem fez esse morro tão alto? Não estou aguentando subir, estou com muitas dores em minhas pernas. Minha mãe respondeu: Foi o papai do céu, minha filha. Então eu disse: Não gosto mais do papai do céu pois ele fez um morro muito alto. Quanta inocência! Nesse trajeto havia um enxame de tanajuras, formigas enormes. Minha mãe sabia que eu tinha muito medo pois já havia sido picada por uma. Quando uma Formiga gigante saiu de sua de seu formigueiro, carregando uma bolinha de terra bem redondinha e ainda úmida, minha mãe se agachou no meio do caminho em que estávamos, pegou essa formiga e começou a correr em minha direção com aquela formiga gigante. Voltei imediatamente para nossa casa chorando, gritando, assustando todos os vizinhos. Duca , a mãe da Nilma saiu correndo no quintal para ver o que estava acontecendo.

Então eu expliquei a ela que minha mãe estava correndo atrás de mim com uma formiga gigante. Assim, ela começou a rir e vi que não era tão assustadora assim.

Bem ao lado da casa da minha avó morava minha tia Lourdes que nunca se casou. Ela tinha em seu quintal plantações de milho, legumes, batata doce, abobrinhas, quiabos, jabuticabas e havia também um delicioso pé de marmelo. Eu vivia observando quando os marmelos estavam no ponto para que Lourdes fizesse o meu doce preferido, marmelada. Ficava vermelhinho e meio transparente. O tanque da área de serviço da Lourdes ficava na porta da sua cozinha. Do lado do tanque havia um pé enorme de erva cidreira capim, um pé enorme de funcho, ambos usados para fazer chás. Em sua sala havia um enorme banco de madeira que era muito competido por todos que a visitavam todos os domingos, depois do almoço em minha avó.

Nessa sala havia fotos dos pais da Lourdes e de sua irmã, já falecidos. Em cima de uma mesa de madeira ao lado do banco de madeira havia uma capela em material de cobre, adquirida em Aparecida do Norte, na qual eu amava abrir as portinhas e ver a imagem da Nossa Senhora, dentro da Capelinha. Havia também um galo, ao lado dessa Capelinha, feito de porcelana. Esse galinho ficou comigo após a morte da Lourdes e infelizmente hoje eu já não o tenho mais. Em seu quarto havia uma cômoda de madeira, camas também de madeira e um guarda roupa de 2 portas na cor preta. Em cima da cômoda, ela tinha o costume de guardar seus perfumes, pó de arroz ou pó compacto, imagens de seus Santos de devoção e um porta velas, onde ela fazia suas orações.

Na cozinha havia 2 talhas de barro pois Lourdes não tinha filtro, ela buscava água na mina e enchia essas talhas para seu consumo diário. Em outra parede havia uma cristaleira também na cor preta na qual ela guardava suas louças de pouco uso e um delicioso bolo redondo, feito de iogurte. Esse bolo era especialmente delicioso. Lourdes cozinhava em um fogão a lenha, normalmente havia sempre pendurados no alto do fogão linguiça, tripas de ar, chouriço, e toucinho de barriga. O toucinho da barriga estava encoberto de sal para não estragar. No quarto ao lado da cozinha Lourdes tinha uma bacia de alumínio enorme na qual ela utilizava para tomar banho. Aquecia a água de seu banho no fogão a lenha, em uma chaleira grande de ferro preta.

Meus primos e eu ficávamos vigiando o horário da Lourdes tomar banho para tentar olhar pela fresta da janela de madeira ela tomando banho. Ela sempre muito desconfiada, gritava lá de dentro para que fôssemos embora. Ela ouvia nossas risadas. Saíamos correndo, depois de nossas peraltices. Ainda na porta da sala da Lourdes, havia um enorme pé de rosas brancas, cujo cheiro era especialmente maravilhoso! Havia flores, rosas, margaridas brancas,

Jorgina na cor rosa, dalias, margaridas brancas e amarelas. Ainda na porta da cozinha dela, próximo aos pés de jabuticaba havia uma passagem chamada quebra corpo, que é feita por madeiras e arame farpado. Quase em formato de Caracol o qual por ser estreito, apenas as pessoas conseguiam passar, inibindo assim a passagem de animais de grande porte.

No alto desse quebra corpo, havia umas árvores, entre elas um pé de maracujá, de frutos muito pequenos e doces. Consequia se alastrar, e produzir muitos maracujás redondos. Sempre ficávamos de olho vigiando se havia algum maracujá bem amarelinho e doce. Ao lado do pé de maracujá havia um pé de marolo, que também eram deliciosos e doces, ficávamos também vigiando o momento certo de derrubar e apanhar, usando um pedaço de bambu. Os pés de jabuticabas mais antigos, enormes, ficavam bem próximos desse pé de maracujá. E quando as jabuticabas amadureciam também era motivo para reunião de família das quais só tenho boas lembranças.

Lourdes sempre prestativa e hospitaleira, já trazia em suas mãos sacos vazios de arroz, açúcar, e sacolas para que pudéssemos apanhar as jabuticabas e levar para casa. Ou então uma cuia de cabaça. Um dia Lourdes resolveu subir no pé de jabuticaba e nos ajudar a colher. Só que quando ela foi descer, não conseguia pois não encontrava galhos adequados para que pudesse apoiar seus pés em segurança. Tivemos que chamar outras pessoas para nos ajudar a descê-la do pé de jabuticaba.

Uma das coisas que mais amava era quando chegava a época de colher milho de pipoca. Meu pai abria as espigas de milho, porém sem tirar totalmente a palha pois ele emendava a ponta das palhas fazendo com que se tornassem um arco e pendurava essa espiga de milho no alto do fogão a lenha para que essas espigas se secassem, acelerando assim o processo. Havia milhos amarelos e também grãos de milho roxo.

Incansavelmente perguntava aos meus pais se estava na hora de arrebentar pipoca. Era incrível quando meus pais diziam que sim. Ficavam pipocas gigantes e crocantes. Meus pais também faziam melaço de cana e rapadura. Nesse dia tínhamos que acordar muito cedo pois meu pai começava a moer a cana antes do sol nascer. Ele extrai primeiramente a garapa, nesse intervalo minha mãe já estava acendendo uma enorme fornalha e já pré-aquecendo um tacho gigante para que assim que meu pai terminasse de extrair a garapa, o fogo já estava aceso.

Era um processo muito demorado, começamos cedinho. O melaço ficava pronto bem à tarde, minha mãe ficava o tempo todo retirando a espuma que ia se formando ao longo do dia. Utilizava uma concha com furinhos. A rapadura ficava pronta só à noite. Meus pais preparavam algumas rapaduras comuns e outras rapaduras com amendoins inteiros, também da plantação do meu avô. Era muito gostoso comer melaço gelado com angu.

Quando íamos para casa do meu avô paterno sempre trazíamos amendoim em casca, para fazer doces, bolos de fubá com amendoim e rapadura. Normalmente íamos uma vez ao mês na casa do meu avô pois ele morava em um sítio distante de Nepomuceno, porém, dentro do território de Nepomuceno. Ao chegar na casa dos meus avós, minha avó nos recebeu com um abraço caloroso e bem apertado. Eu me sentia protegida dentro daquele abraço! Aquela pele macia, aquele lenço protegendo seus cabelos branquinhos, o vestido florido. Como era bom receber aquele abraço! Sua pele tão branquinha que jamais irei esquecer. Em seguida aparecia meu avô, com seu chapéu.

Meu avô me pegava pelas mãos, me levava a uma casinha ou paiol que ficava na porta da cozinha, do lado do da parreira, próximo ao chiqueiro para buscarmos os amendoins em casca. Eu logo abria um e colocava em minha orelha para fazer de conta que era um brinco grande. Aí quando começava a apertar muito as minhas orelhas, eu retirava abria e já comia. Quando a casca estava muito dura de abrir, eu me sentava na escada da porta da cozinha, pegava os amendoins e quebrava os com a madeira quadriculada que ficava na porta embaixo protegendo para que ela não fechasse com o vento. Essa madeira teve muita história para contar, pois todos os netos que ali chegavam a usavam para abrir a casca do amendoim. Ou então havia uma fila de espera dos primos também querendo utilizar esse toquinho de madeira.

Enquanto a criança que estava usando toquinho estava sentada na escada, outros estavam brincando na porta da cozinha, outros estavam sentados à beira do fogão comendo casquinha de pastel caseira que minha avó havia preparado com suas próprias mãos. Elas ficavam enormes suculentas, algumas ficavam em formato de bola, outras ficavam mais achatadas, porém todas eram saborosas. Minha avó não conseguia vencer-nos pois quanto mais ela fritava mais comíamos. Por isso, normalmente almoçamos mais tarde pois todos havíamos comido muitas casquinhas. Para acompanhar ela preparava um café colhido na roça que não era feito com água, mas sim garapa da cana de açúcar o coador era feito por ela mesmo, de retalho de tecido pois, minha avó era uma grande costureira que atendia a todos os vizinhos e região.

O bule de café era feito de um material esmaltado na cor verde, as xícaras também eram feitas de material esmaltado que com o passar do tempo ficaram desgastadas, com uma marca preta, no formato circular nas laterais. Minhas mãos são idênticas às mãos da minha avó paterna. As unhas, o comprimento dos dedos. As vezes me pego hoje em dia observando minhas mãos e as lágrimas descem incontrolavelmente! Os meus olhos também são dela.

Quando terminamos de almoçar, sempre havia nos esperando como sobremesa: Doce de leite com amendoim inteiro ou moído, ou então melaço com angu, ou até mesmo rapadura que nunca faltava. Depois que comíamos, voltávamos a desbravar o pomar e ver qual fruta da época já estava madura para que pudéssemos escolher diretamente no pé. Não víamos o dia passar e logo tínhamos que nos despedir e ir para a beira da estrada rural, não pavimentada e esperar o último ônibus.

Nossa vizinha tia Tiana ou tia Sebastiana, tio Arício, juntamente com seu filho Sebastião, moram bem próximos da nossa casa, era possível chamar e eles nos ouviam. O que separava nossas casas era o córrego. Eu amava ir para essa casa dessa tia materna de segundo grau pois ela era tia da minha mãe. A casa da minha tia me marcou muito pois era uma casa totalmente diferente das nossas. O chão era de terra, porém minha tia passava fezes de vaca com a água bem molinha para evitar que ao varrer, subisse poeira em todos os móveis, evitando assim que também respirassem desse pó.

Por incrível que pareça, o chão ficava bem lisinho, não havia mau cheiro e nem poeira. Me lembro que em volta dos pés dos móveis como por exemplo guarda roupa, mesas, cadeiras, armários, ficavam grudados essas fezes que ao passar do tempo ficavam bem grossas pelo excesso. Ela cozinhava no fogão a lenha e por muitas das vezes éramos recebidos por rosquinhas feitas de sal amoníaco, broas assadas na panela com brasa por cima e não podia faltar um cacho de banana maçã, amadurecendo no canto do fogão, encoberto por saco de linho escuro ou linhagem, era a banana que eu mais gostava. Minha tia Sebastiana tinha cabelos longos e pretos. Eu ficava na porta da cozinha a admirando a se pentear pois como meu cabelo ainda era bem curto, eu sonhava em ter cabelos longos como os dela. Quase ainda não haviam cabelos brancos.

Ela cuidava periodicamente dos seus cabelos, muito lisinhos e macios. Ao terminar de se pentear ela fazia um coque no alto da cabeça para evitar que caíssem fios de cabelo no preparo dos alimentos. Ela era sempre muito detalhista, caprichosa, amorosa e sensível. Tudo que ela cozinhava era saboroso. Na porta da cozinha havia no pomar 2 pés de laranjas doces e enormes. Essas laranjas eram laranjas Natal e essa qualidade é muito saborosa, geralmente dão muito suco. Eu pegava emprestada uma faca e ficava por horas sentada em uma pedra, debaixo do pé de laranjeira de espinhos enormes, escolhendo a mais grande e madura possível.

Também no pomar havia um pé de figo. Eu ficava vigiando eles amadurecerem. O cheiro era incrível! Depois de maduros eram extremamente doces e vermelhos em seu interior. Então minha tia Sebastiana os colhia, raspava um a um com a faca, preparava e fazia

deliciosos doces na calda. Eles eram armazenados em latas vazias de azeitonas. O sabor era incrível. O seu tanque da área de serviço ficava bem distante da porta da cozinha, no alto e ela tinha que andar distante para chegar até lá. O paiol que o tio Arício armazenava o milho para os porcos e para o gado, ficava do lado de cima da casa, no alto também próximo do tanque de lavar roupas. A água que vinha para a casa e abastecia também os animais vinha de uma mina com queda natural cuja água era geladinha e refrescante. Minha tia Sebastiana tinha muitas galinhas principalmente de pescoço pelado, que é uma espécie de galinha que quase não tem pena no pescoço.

Eu não entendia por que elas eram tão diferentes das demais galinhas. Então eu fiz um trato com a Nilma, minha amiga, de pegarmos todos os pintos que apareceram e fossem daquela espécie que jogássemos do alto da mina de água. E assim fizemos por muito tempo, todos que apareciam e que fossem de pescoço pelado, jogávamos nesse buraco. Tia Sebastiana começou a desconfiar que os pintos estavam sumindo e começou a suspeitar que havia algum animal predador como por exemplo gavião, que estaria comendo esses pintos.

Ao ouvir essa fala, Nilma e eu concordamos com ela e dissemos que provavelmente era um Gavião pois já tínhamos visto vários ali por perto. Mentimos! Fico pensando hoje em dia, como pude ter coragem de tamanha peraltice, fizemos esse tipo de travessura e nunca fomos descobertas. Como eu gostaria se fosse possível, e se minha tia ainda estivesse viva, dar-lhe um abraço bem apertado e pedir desculpas por tamanha travessura da qual me envergonho. Meu tio iniciava seus trabalhos em relação a alimentação das vacas logo bem cedinho. Ele cortava o capim e a cana à tarde para no dia seguinte, bem cedinho, ele não ter que ir na plantação ainda com escuro.

Da minha casa, por volta de 4 horas da madrugada, eu ouvia meu tio picando esse alimento dos animais. Era um barulho diferente pois, como não havia energia elétrica, ele inseriu a cana e o capim em um local de roda grande e cortes afiados, para cortar em tamanhos bem pequenos o alimento do gado. E minha tia também acordava bem cedo e logo passava um café bem gostoso e esperava meu tio para comer.

Sebastião, o filho da minha tia Tiana, trabalhava na roça, na mesma fazenda que meu pai cuidava. Eu aguardava ansiosamente todos os dias a chegada do Sebastião do trabalho pois ele sempre deixava um pouco de café na garrafinha pequena de Coca-Cola, vedada por uma tampa feita de sabugo de milho. O café já estava frio, porém era o café mais gostoso que eu poderia tomar, docinho. A expectativa em esperar Sebastião chegar do trabalho, tirar sua bota preta na porta da cozinha, me entregando seu embornal ou mochila feita de tecido pela

minha tia Sebastiana. O sabor daquele café frio deixado com tanto carinho e afeto, nunca será esquecido por mim pois, ali não havia um simples café, havia muito amor e carinho.

Meus pais e eu tínhamos o costume de ir à noite rezar na casa dos meus tios. Normalmente era a novena de Natal, novena de Nossa Senhora Aparecida. E por inúmeras vezes em tempo chuvoso ao chegarmos próximo ao córrego a enchente por excesso de chuva, já havia ultrapassado a pinguela ou ponte e não conseguimos atravessar. Voltávamos e dormíamos na casa da minha tia pois, nem sabíamos se a pinguela estava lá, ou se a água a havia levado. No outro dia, acordamos bem cedo pois meu pai precisava trabalhar e aí com segurança, atravessamos.

Por inúmeras vezes Nilma e eu íamos brincar na casa da tia Sebastiana se demoramos para ir ela gritava de longe para que fôssemos lhe fazer companhia. Quando os filhos dela, que moram em Volta Redonda, Rio de Janeiro, vinham visitá-la, ela ficava se preparando, cozinhando, matava porco, fazia bolachinhas, bolos, doces, esperando ansiosamente pela chegada dos filhos e parentes.

Tia Sebastiana recebia correspondência com bastante antecedência, avisando que eles chegariam. Ela tinha um endereço em Lavras no qual ela recebia essas correspondências. Era um dia de grande alegria para eles, pois passavam meses sem vê-los. Um dia Nilma foi sozinha para casa da tia Sebastiana e ao se aproximar da pinguela, se deparou com uma cobra jararacuçu do brejo. As pessoas mais idosas comentam que essa cobra tem o hábito de correr atrás das pessoas e foi exatamente isso o que aconteceu com Nilma.

Infelizmente essa cobra correu disparadamente atrás dela, furiosa, a sorte que Nilma chegou antes da cobra na pinguela. Nilma conseguiu atravessar e quando chegou do outro lado a cobra estava tentando também atravessar. Felizmente ela não conseguiu. Nilma foi correndo para sua casa e avisou sua família. Seu irmão saiu apressadamente e ao chegar lá pôde observar que a cobra estava no mesmo lugar, esperando. O irmão da Nilma, Nelson, atravessou a ponte com uma enxada em suas mãos e a matou. Essa foi por pouco, disse Nilma. Nilma e eu éramos aventureiras até que, com o passar do tempo, se juntou a nós mais uma amiga de nome Reisiane.

Resiane não morava tão perto assim da gente. Ela morava mais próximo da minha avó materna. Minha mãe é madrinha de batismo. E quando eu tinha oportunidade de ir para a casa da minha avó, não perdia oportunidade de brincar com Reisiane, até que um belo dia, brincando no balanço da sua casa resolvemos, balançar juntas, ao mesmo tempo. Alguém que estava nos acompanhando, que provavelmente era um adulto, nos empurrou com bastante

força para irmos bem alto, porém, a madeira da qual estava instalado o Balanço não aguentou o peso de 2 crianças e se partiu ao meio, derrubando Reisiane eu.

A madeira quase caiu em nossa cabeça e por pouco não nos ferimos muito. Do lado do balanço haviam 2 árvores enormes que além de lindas, produzir sombras importantes para nosso balanço, produziam também flores na cor laranja, que pareciam ter barriguinha, um depósito com um líquido no qual usávamos para brincar de apertar e deixar a amiga com cheiro desse líquido que era bem forte, porém nos divertíamos muito jogando esse líquido uma na outra, corríamos até cansar para não sermos derrotadas. Éramos tão felizes que os pais da Reisiane sempre foram muito amorosos comigo e sempre me trataram com muito carinho. Hoje em dia Reisiane e eu ainda somos grandes amigas.

Minha mãe tinha o costume de fazer doce de sidra verde. Esse doce sofria um processo longo e delicado pois, como a casca é muito amarga, ela teria que ficar em um uma trouxa de tecido por 3 dias, em água corrente. Geralmente minha mãe a colocava dentro de uma bacia e deixava a torneira do tanque pingando em cima. Era um doce maravilhoso. Tínhamos um único pé em nossa casa e quase não dávamos conta, pois eram enormes. Pareciam laranjas gigantes. Geralmente comíamos queijo coalho, preparado por minha mãe ou um pouquinho de doce de leite mole. Fazia arroz doce moreninho como o da minha vó. Minha mãe fazia um queijo maravilhoso, em formato de nozinho e cabacinhas. Enquanto estava quente gostávamos de morder pois ele ficava puxando como chiclete e era muito saboroso. Colocamos um pouquinho de sal e ficávamos puxando, uma sensação incrível. E se esse queijo esfriasse dava para ficar desfiando. Às vezes eu gostava de fazer espetinho de nozinho e assar no fogão a lenha. O cheiro desse queijo derretido ainda guardo em minha memória.

3.1 Moita de bambu

Eu ficava olhando pela estrada aguardando meu pai chegar do trabalho. Na maioria das vezes quando ele não tinha algo urgente para cuidar em nossa casa, ele pegava um tapete feito de linhagem e forrava o chão debaixo de uma moita de bambu gigante, que havia na porta da casa de nossa casa. A sombra era bem fresquinha e me lembro de meu pai ao chegar exausto com seu corpo todo cansado se deitar naquele chão e tirar longos cochilos. Meu pai acordava muito cedo em média 4:30h da manhã pois cuidava do curral da fazenda e depois de afazeres como trator, maquinário, motosserra. Essa fazenda também colhia café, uma vez por ano era necessário descascar e limpar todo esse café. A máquina que era responsável por esse processo ficava no alto, e a palha era jogada no fundo.

Uma das minhas brincadeiras preferidas era subir no alto da máquina e pular lá embaixo na montanha gigante de cascas de café. Eu era muito pequena, na maioria das vezes desaparecia no meio das cascas. Quando o sol já estava quase se encobrendo, meu pai me chamava de longe para ir embora. Minha pele já estava toda vermelha e pinicando, mas a alegria e a diversão valiam muito mais a pena.

3.2 Escola

Normalmente eu ia para a escola na companhia da professora Dona Conceição durante a pré escola, Dona Lázara no primeiro e segundo ano, ou Dona Marlene no terceiro e quarto ano, minha tia Né era cozinheira na escola. Às vezes por ela passar na casa da minha mãe todos os dias para nos ver, eu já ia para a escola também com ela. Ao chegar na escola, quando minha tia abria a porta da sala de aula, inúmeros morcegos saiam voando e a cada dia era um novo susto. Isso dificultava muito o trabalho da minha tia pois, havia muitas fezes ou urina dos morcegos por toda escola.

Minha tia fazia refeições muito gostosas e quando era dia de bolinho de chuva ela os preparava em sua casa e levava para a escola normalmente dentro de um saquinho que havia arroz e dentro de um embornal de tecido azul. Dentre as nossas merendas preferidas havia almôndegas ao molho enlatadas. Minha tia sempre dava um jeitinho de reservar uma a mais para mim. Quando chegava leite em pó na escola minha tia me chamava na cozinha e me dava uma colher bem cheia de leite em pó para comer isso escondido de todos.

Enquanto morávamos nessa fazenda, meu pai por ser pedreiro e eletricista, começou a construir nossa casa no terreno que era de herança do meu avô materno. Essa casa ficava bem mais próxima da casa da minha avó materna. Tínhamos como vizinho meu primo Joel que também fez parte da minha infância pois, cheguei a me casar com ele aos 07 anos de idade, no curral da casa da minha avó. Com direito a buquê de flor feito de copos de leite do quintal da minha avó. No cabelo fiz um arranjo com flores grinaldas de noiva. E assim que meu irmão nasceu nos mudamos para nossa casa nova, porém, moramos lá por pouco tempo pois, meu pai foi convidado para cuidar de outra fazenda de nome Jangada.

3.3 Fazenda Sérgio

Nossa vida na fazenda Jangada foi muito intensa e feliz! Moramos nessa fazenda por muitos anos, era uma fazenda muito bonita com uma bela sede e uma enorme piscina. Do alto de um morro a víamos lá no fundo. Nessa fazenda se produzia café, engordava bois nelore. Havia uma represa na qual eu sempre ia pescar, porém com muito medo de cobras pois essa

fazenda era conhecida por abrigar muitas cobras cascavéis. Um dia, pescando na represa, o anzol entrou completamente em meu segundo dedo e não consegui tirar sozinha. Chamei meu pai para retirar o anzol.

Meu pai me avisou que iria puxar de uma só vez, quando ele puxou bateu seu cotovelo em meu nariz. Eu não sabia se a dor era pior no meu dedo que estava todo rasgado e precisava dar pontos ou se socorria meu nariz que começou a sair sangue descontroladamente. Chegando em casa demos o maior susto em minha mãe pois era sangue pra todo lado. Próximo a essa represa, havia um pé de coco. Produzia uma espécie diferente pois a casca era marrom e a castanha enorme, era difícil de ser retirada pois havia muita polpa entre a castanha e a casca ou fibra. Era necessário encontrar uma boa pedra e normalmente pegava uma marreta na caixa de ferramentas do meu pai para facilitar a quebra. Era maravilhoso extrair essas castanhas diariamente, sentada à sombra do coqueiro. Ao lado do pé de coqueiro havia pé de pitanga, porém, essa pitanga não ficava vermelha e sim na cor laranja.

Cresciam muito e ficavam muito docinhas. Próximo a ela havia um pé de pau doce no qual se extraía um líquido muito docinho, mas para isso era necessário esperar o pau doce ficar meio transparente e bem lisinho. A estrada de acesso principal da fazenda passava bem próxima da nossa casa e ao aproximar da fazenda, quem vinha nos receber eram os gansos. Brancos enormes e pescoços longos.

Normalmente eles avisavam que estavam chegando pessoas estranhas antes mesmo dos cachorros. Para encontrar os ovos era necessário seguir as gansas pois ao botar escondiam os ovos entre as falhas de buracos e terra, para que nenhum predador pudesse quebrar. Os patos também os acompanhavam. Na entrada da fazenda havia uma gruta feita de pedras pelo meu pai. Foi construída em um barranco muito alto, ao lado haviam trepadeiras que desciam sobre a gruta e sobre o barranco dando a sensação de um véu, repleto de flores brancas.

A gruta foi construída em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. No pomar, próximo a nossa casa, havia pés de manga, sapatilha e Ubá. Nesse pé de manga sapatilha, meu pai construiu uma casa na árvore, de janelas, móveis de madeira, energia elétrica e a escada de acesso era feita de cordas. Quando os filhos do dono da fazenda vinham de Belo Horizonte, ficávamos até tarde da noite brincando e levávamos até lanternas e quando íamos dormir já tínhamos pronto um telefone sem fio e também o toque, para ficarmos nos comunicando até pegar no sono.

Às vezes conseguimos apanhar mangas maduras, era só esticar o braço pela janela da nossa casa na árvore. No pomar havia mexerica poncã, horta de verduras, ameixa, goiaba, laranjas, abacate, jabuticaba, maracujá, jamelão, acerola. O meu pai sempre gostou de cuidar

de hortas de verduras. Eu era responsável pela irrigação diária. Tínhamos plantação de cenoura, cheiro verde, repolho, alface, pimentão, rabanete, beterraba, espinafre.

Quando chegava o fim de semana, os donos da fazenda chegavam, aproveitamos ao máximo, eram momentos de muitas brincadeiras, piscina, bola, piquenique, cavalo, fora os presentes que eles me traziam. Essa fazenda ficava muito longe da rodovia e em períodos chuvosos meu pai se desdobrava para me levar ao encontro do escolar. Me lembro que meu pai me acordava às 4:30h da manhã, me arrumava e saía rapidinho pois o escolar pontualmente me pegava às 5 horas. Meu pai e eu ouvíamos no rádio do carro músicas caipira, aquelas muito antigas. Na maioria das vezes meu pai gostava de sintonizar no programa do Zé Betio.

Logo ele parou de apresentar o programa nas madrugadas. Mas, seu jeito de anunciar as horas me marcou muito. Ele batia em algo e dizia que dia acorda, vamos mexer o corpo, vamos trabalhar. Se a chuva fosse muito forte e as estradas estivessem cobertas de lama, tínhamos que ir a cavalo, ou trator, ou charrete, ou Jeep. Um dia, minha mãe havia ido a Lavras, fazer compras para o mês todo. Meu pai nos buscou na rodovia de Jeep. Quando estava no meio do caminho ainda, faltando uns quatro quilômetros para chegarmos em casa, sentimos um cheiro forte de combustível e ele começou a pegar fogo.

O extintor de incêndio era pequeno, não foi o suficiente. Foi um desespero! Até que fomos rápidos e retiramos toda compra do Jeep. Ele ficou totalmente danificado. O fazendo o time principal da fazenda era muito íngreme e gostávamos de descer nesse morro de carrinho de rolimã em alta velocidade. Em um certo dia entrou uma fila de patinhos com sua mãe e seu pai em nossa frente e como era impossível de parar, acabei caindo do rolimã e esfolei minha perna inteira, da coxa até a canela. Quando fui tirar minha roupa para a mãe ver o que havia acontecido, a roupa já estava grudada no sangue e não me contive, não conseguia parar de chorar. Quando minha mãe foi me dar banho, aí sim, foi difícil pois o esfolado era superficial, porém muito grande.

Tentei aprender a andar de patins, porém não consegui, realmente achei muito difícil. Aprendi a andar de bicicleta nessa fazenda. Minha bicicleta era vermelha e os pneus não tinham uma Câmara de ar. Eram duros. Nas laterais dessa estrada havia pés de pinheiros nos quais escondemos debaixo pois era um local onde ninguém nos encontraria. Quando os filhos do patrão vinham à noite, brincávamos de esconde-esconde, pique pega, queimada, peteca, biscoitinho queimado e histórias de terror.

Um certo dia a história era tão horripilante que ao irmos para a cama ninguém conseguia dormir. Nossa casa era bem antiga e tinha porão. As patas faziam ninhos nesse

porão e chocavam muitos patinhos. Eles nadavam na caixa de água das vacas. O piso da nossa casa era de tábua de madeira, na sala havia uma cristaleira também de madeira na qual minha mãe guardava seus presentes de casamento, nunca vi minha mãe usando nenhuma daquelas louças pois minha mãe dizia que era uma lembrança que não podia estragar ou quebrar, mas, em um certo dia, meu irmão Wesley e meu irmão Sansley começaram a discutir na sala e não sei o que houve, os ânimos se exaltaram, alguém decidiu empurrar o outro e um deles caiu em cima da cristaleira. Minha mãe estava na cozinha e ao ouvir o barulho estrondoso, saiu apressadamente.

Ao chegar na sala não estavam ali nenhum dos dois, ambos haviam fugido apressados. Minha mãe os procurou por todos os lados e não os encontrou. Ela estava preocupada pois tinha medo que tivessem se machucado com os vidros. Quando já estava quase escurecendo e já estávamos cansados de procurar, meu pai já estava sem saber o que fazer, já havia olhado por todos os lugares e nada. De repente saiu os dois debaixo do pé de pinheiro. Ainda bem que não haviam se machucado, mas que no fundo minha mãe queria dar uma boa surra, isso sim. Esse Pinheiro já foi local de grandes e importantes esconderijos pois havia um pé de pimenta cumari, plantada próxima à Gruta e meu irmão mais velho disse ao meu irmão mais novo que aquela frutinha era muito gostosa.

Até fingiu estar comendo uma bem vermelhinha e ofereceu ao meu irmão que não hesitou e já foi logo colocando várias na boca. Ao mastigar e sentir que estava extremamente ardida, começou a esfregar a boca com as mãos sujando as e levando-as aos olhos para secar as lágrimas, dessa forma, boca, mãos e olhos começaram a arder e meu irmão foi correndo e chorando para dentro de casa. Ao chegar dentro de casa, minha mãe deu leite e lavou os olhos também com leite gelado. Minha mãe queria encontrar meu irmão mais velho para dar uma bela correção, porém, ele desapareceu como sempre. Mais uma vez meu irmão só voltou para casa ao entardecer. Minha mãe o deixou de castigo por vários dias.

3.4 Abelhas

Um dia começamos a notar que abelhas europeias estavam construindo uma colmeia enorme na cozinha da sede da fazenda. Meu pai começou a ficar preocupado e quando deu a noite subiu no telhado com fumaça para olhar o que estava acontecendo. Ele disse que no outro dia teria que eliminar aquelas abelhas pois iriam atacar a qualquer hora já que eram muito selvagens e agitadas. No outro dia, quando minha mãe foi abrir a fazenda, as abelhas a atacaram e no impulso desesperador, ela pulou na piscina. Minha mãe não sabia nadar e quase se afogou. Felizmente as abelhas desistiram e minha mãe tomou mais de 60 picadas, teve até

febre, foi um custo tirar todos os ferrões da minha mãe, ela chorava de dor. Vemos que as abelhas não são muito amigáveis com minha mãe.

Nosso primeiro carro foi um Fusca Branco. Que emoção quando meu pai chegou com o carro em nossa casa. Inventamos rapidamente um passeio para estrear. Aprendi a dirigir ensinada por meu pai nesse carro. Eu amava dirigir. Até que um dia minha mãe pediu ao meu pai para que também a ensinasse. Estávamos indo para a casa da minha avó e quando minha mãe foi fazer a curva, ela não sabia que tinha que deixar o volante voltar e subimos no alto de um barranco. Minha mãe quase nos matou e ainda por cima, não tirava o pé do acelerador. Meu Deus! Que dia! Nosso próximo carro foi um Chevette amarelo, depois um corcel vermelho, depois um Escort cinza, enfim muitas emoções.

A Capela do criminoso era bem próxima da nossa casa. Foi nesta Capela que fiz minha catequese, fui catequista, coordenadora de grupo de jovens e ministra da eucaristia. Essa Capela ficava no alto de um morro bem próxima da minha escola. Nessa Capela em dias de festas e quermesses sempre brincávamos de passar anel, sentados no degrau da escada da igreja. Nessas festas eram servidas comidas típicas como quentão, cocada, caldos, doces. Aconteciam também animados leilões com prendas doadas pelos fiéis tais como animais, doces, pudins, galinhas, porcos, bois, bezeros. As procissões eram animadas em homenagem à padroeira local Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Normalmente recebiam pessoas que já moravam ali e pessoas do mesmo local.

3.5 Voltamos para nossa casa em 1996

Voltamos para nossa casa, próximo à casa da minha avó. Meus pais fizeram uma boa reforma, ampliou e ficou muito confortável. Porém, morei nessa casa apenas por mais um ano, pois já estava noiva e iria me casar. Durante esse casamento comecei a trabalhar no lugar da minha tia Né como cozinheira contratada, na escola Municipal São Geraldo, na comunidade Criminoso mesmo, pela prefeitura municipal de Lavras. Não passaram mais de dois anos e a prefeitura promoveu um concurso público no qual me efetivei como cantineira.

Era grande a distância da minha casa até a escola, uns oito quilômetros de ida e uns oito quilômetros na volta. Passava todos os dias na casa da minha mãe, era caminho. Ela diariamente me esperava com um café e um queijo fresquinho. Enfrentei por inúmeras vezes cachorro bravo, os mesmos que protegiam a fazenda que meu pai cuidava, ou seus descendentes. Boi bravo. Perdi a conta de quantas roupas rasguei por atravessar rapidamente a cerca de arame farpado, com medo de ser apanhada pelo boi. Ele era da raça holandês, branco e preto. Ele avistava a mim e as crianças que iam comigo de companhia de longe.

Começava a mugir e jogar terra para trás. Se ele estava acompanhado pelas vacas, não ficava tão agressivo, mas, se estava sozinho, podíamos acelerar os passos e chegar o mais rápido possível a uma cerca ou abrigo. Chegava a ter pesadelos com esse boi. Enfrentei até as cobras. Um dia, já havia passado a casa da minha mãe, estava no fundo de um brejo, avistei de longe um cascavel gigante. Seu cumprimento quase encontrava com o outro lado da estrada. Meus irmãos estavam comigo pois estavam indo buscar as vacas para meu pai ordenhar o leite. Voltamos os três apressadamente e chamamos nossa mãe. Ela trouxe a enxada e a feriu na cabeça, depois a matou. Senti um medo nesse dia de arrepiar.

Precisava sair de casa ainda com o escuro para não atrasar pois não havia transporte escolar. Me molhava todo o orvalho. Isso quando não era chuva forte. Era normal que depois dessas chuvas os córregos se enchessem. Já por várias vezes precisei esperar a água diminuir pois, não sabia se a ponte ainda estava ali. A água a encobria e não dava para enxergar. Infelizmente essa escola na qual minha vó deu aulas, estudei, e na qual tive meu primeiro emprego, por falta de alunos acabou sendo desativada.

Com isso, continuei trabalhando em um núcleo educacional, próximo ao trevo de Nepomuceno, também mantido pela prefeitura municipal de Lavras. Esse núcleo ficava ainda mais longe da minha casa. Esse núcleo tinha como coordenadora, minha primeira professora Conceição. Eu trabalhava limpando as salas de aula, de madrugada, pois precisava aproveitar o primeiro transporte escolar que passava próximo da minha casa e assim, conseguir cumprir meu horário de trabalho.

Depois que terminei de limpar as salas, minha próxima função era cozinhar. Não era muito fácil pois em cada refeição tinha que preparar 5 kg de arroz, as meninas que cuidavam da limpeza só conseguiam me ajudar mais tarde. Eram muitas crianças matriculadas. Depois que terminava de cozinhar, servir a merenda nos pratos, lavar pratos, talheres, panelas, e o chão da cozinha, ainda limpava algumas salas de aulas, para ajudar minhas colegas do período vespertino.

Em dias chuvosos o ônibus escolar não ia próximo da minha casa pois as estradas ficam muito escorregadias. Então tinha que ir a pé, enfrentando dificuldades como chuva, frio. A bota que usava gruda tanto barro que precisava parar e retirar com ajuda de um pedaço de galho de árvore. Era muita lama. Ou às vezes o transporte escolar quebrava e também tínhamos que ir a pé. Eram mais de quinze quilômetros só de ida. Eu gostava muito do meu trabalho, tinha disposição, energia, saúde.

Nessa escola tinha amizade com todas as professoras. Elas amavam o sabor da minha merenda. Quando faltava alguma professora e não tinha substituta, a diretora fazia uma troca.

Me colocava na sala de aula para substituir as professoras. Com isso a diretora me pediu para fazer uma troca e minha colega que estava trabalhando na limpeza escolar ia para a cozinha, me substituir no preparo da merenda. Quando meus colegas começaram a observar meu perfil em sala de aula, começaram a me incentivar a voltar a estudar para fazer minha primeira graduação, pedagogia.

Eu havia parado no terceiro grau ou científico como chamavam na época. Fiz o telecurso 2000, em Nepomuceno. Com o salário que eu ganhava desempenhando o trabalho de cantineira, paguei minha primeira graduação a distância pois, por morar na roça não conseguia fazer o ensino presencial. Em 3 anos e meio consegui me formar. Não consegui logo no início dar aulas, mas, como mudou meu horário de trabalho, comecei a acordar ainda mais cedo, às 4 da manhã, ia para a lavoura de café do meu marido para ajudar a derrubar o café. Era um trabalho realmente muito pesado. Puxava os grãos da vara de café, ela caía em cima de um pano, quando não estava mais aguentando arrastar esse pano, parava, com auxílio de uma peneira, abanava esse café para separar as folhas dos grãos.

Fazia um monte no meio do pano e colocava dentro de sacos. Isso quando não vinha junto aos grãos perereca, taturanas e até mesmo cobras. Já cheguei a colocar o pano em determinado pé de café e havia ali uma casa de marimbondo ou abelhas. Daí não tinha jeito, tinha que deixar tudo e sair correndo. As picadas eram muito doídas. Almoçava minha marmita debaixo de um pé de café. Fazia uma pequena fogueira para aquecer. Precisava ser rápido porque ainda tinha que fazer a merenda da escola e o escolar estava quase chegando. Chegava da escola por volta de 1730. Cuidava dos afazeres domésticos, jantar porque aí já era suficiente para o almoço e tentava terminar tudo rápido para dormir mais cedo pois, no outro dia teria que acordar novamente bem cedinho.

Arrumava um tempo ainda a noite para estudar no ambiente virtual de aprendizagem da minha faculdade pois todos tinham que participar das aulas online. Ao terminar a minha pedagogia, meu casamento estava passando por muitos problemas, me separei e me mudei para Nepomuceno. Conheço o pai dos meus filhos e nos casamos. Não demorou muito e apareceu o primeiro edital para professores do ensino fundamental e infantil, eu consegui um contrato temporário e comecei a dar aula a crianças de 5 anos no centro Social São José.

Porém continuei intercalando carona e carros com minhas colegas que moravam em Nepomuceno, mas dava aulas em Lavras. Acordava 4:30h , trabalhava de manhã como cantineira e à tarde dava aulas. Fiquei assim por 3 anos. Senti vontade de fazer minha primeira pós-graduação e com a ajuda da minha colega de trabalho Kelly Lazzarini, escolhi por gestão integradora. Ao terminar essa pós decidi fazer mais uma graduação em Biologia.

Quando estava quase terminando a biologia saiu o edital de concurso da prefeitura municipal de Nepomuceno.

Dentre os cargos havia o cargo para supervisora pedagógica e estava exigindo justamente a pós-graduação em gestão integradora e a pedagogia. Fiz o concurso, estava muito concorrido. Eram 7 vagas para o cargo de supervisora e fiquei entre as 7 vagas, porém, a prefeitura havia chamado apenas 5 supervisores e faltava apenas 2 meses para a validade do concurso expirar. Havia uma creche nova na cidade para ser inaugurada, porém, ela ainda não estava totalmente pronta.

Recebi uma ligação do gabinete da prefeita Iza Menezes, fiquei tão ansiosa que não dormi a noite. Ao chegar lá, meu coração estava saindo pela boca. Ela me disse que iria me nomear como supervisora para que eu pudesse inaugurar a creche nova da cidade. Eu nem estava acreditando no que estava acontecendo, pois, o concurso estava quase vencendo seu período de vigência. Eu a abracei, agradei e fui direto para a igreja agradecer a Deus pois realmente era um milagre. Eu ligava para meus pais, para meu marido, para minha vó e as lágrimas desciam de felicidade! Eu não acreditava que uma mulher tão simples, de origem tão humilde, conseguiria se realizar profissionalmente, logo na área que mais ama, mais admira.

A prefeita terminou a creche rapidamente e no próximo ano, 2018, inauguramos o tão sonhado CEMEI D. Janice De Oliveira Lima. Fomos equipando a creche aos poucos. Pedimos emprestado nas escolas talheres, pratos, panelas, carteiras e tudo que estava faltando para atender nossas crianças que tinham pressa. Nesse dia, atuo como supervisora de uma das professoras que lá atrás, no núcleo me incentivou a estudar, Vanilza. Nossa amizade só aumentou com o passar dos anos.

No quarto ano de inauguração, mais uma vez meu telefone tocou e novamente era a prefeita, que me convidou a comparecer em seu gabinete. Fui muito bem recebida, elogiou meu trabalho como Supervisora e disse que gostaria que eu coordenasse toda a Educação Infantil do Município, dentro da Secretaria de Educação. Exatamente 834 matrículas. Eu disse sim! Foi a experiência mais incrível em minha profissão pois, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente cada criança matriculada em nosso município, inclusive visitei todas as escolas rurais e tive a oportunidade de aplicar uma avaliação individual a todas as crianças da educação infantil.

Foram momentos de grandes descobertas, olhar nos olhos dessas crianças, sentir suas dores, alegrias, progressos. Conhecer histórias e realidades incríveis. Pude conhecer todos os pais e saber da realidade de cada um para assim poder ajudar mais de perto. Pude detectar problemas de saúde, estradas e transportes, falta de material escolar e vários outros problemas

nos quais tive oportunidade de levar assistência social e ao CRAS. Tive a oportunidade de descobrir crianças em idade escolar infrequentes. Foi um momento de grandes oportunidades pois, eram pessoas que realmente estavam precisando que a prefeitura estivesse mais próxima individualmente.

Como Kelli Lazarini estava cursando o Mestrado na UFLA por estar dentro da Secretaria municipal de educação, acabei tendo contatos diretos com Kelly. Ela começou a me incentivar a tentar o mestrado e a primeira pergunta que ela me fez foi qual era meu autor preferido, eu respondi Rubem Alves. Ela disse por que você não tenta escrever um projeto falando de Rubem Alves. Respondi você poderia me dar algumas dicas de como seria a escrita de um projeto e ela prontamente disse que sim que iria me ajudar.

Assim comecei a escrever e dentro de 4 meses meu pré-projeto estava pronto. Enviei todos os documentos para o UFLA e fiquei aguardando ansiosamente. Meu pré-projeto passou, porém após a entrevista, recebi a notícia que não havia sido aprovada. O pré-projeto de Rubem Alves escrevi no ano de 2021. Fiquei muito triste por não ter conseguido pois sabia que poderia trazer algo de muito bom aos meus professores aqui de Nepomuceno, principalmente maturidade e novas experiências. Kelly não desistiu de mim.

Começamos a pesquisar todas as linhas de pesquisa da UFLA e vi que me identificava mais com a linha 3 de pesquisa. Depois de muito observar minha realidade e os autores que mais se aproximavam de tudo que eu vivia dentro da educação infantil decidimos escrever sobre Leonardo Boff. Escrevi rapidamente meu projeto em 4 meses e quando saiu o edital da UFLA, rapidamente me inscrevi e enviei meu projeto e todas as documentações. Dessa vez deu tudo certo meu pré-projeto foi aceito e também passei na entrevista. Em 2023 estava matriculada nas disciplinas presencial, em 2024 foi o período de escrita e pesquisa da dissertação.

Inicialmente, ao comprometer-me com algo a ser estudado no decorrer do Mestrado Profissional, a proposta da pesquisa era explorar o significado do cuidado na educação infantil a partir das reflexões de Leonardo Boff e Paulo Freire. No entanto, à medida que me aprofundava no tema, percebi que minha trajetória acadêmica e minha vivência pessoal estavam intrinsecamente ligadas a essa investigação. Meu percurso educacional começou mais tarde do que o convencional, o que me fez enfrentar desafios adicionais ao longo da minha formação.

Ao revisitar essa caminhada, reconheço que a presença e o apoio de algumas professoras foram essenciais para que eu persistisse, e, hoje, essas mulheres se tornaram não apenas referências, mas também amigas e colegas de profissão. Essa experiência reforçou em

minim a certeza de que a formação continuada é fundamental para os profissionais da educação, pois amplia horizontes e fortalece a prática pedagógica.

Além disso, tive a honra de ser orientada pelo Professor Dr. Vanderlei Barbosa, que sempre me auxiliou nos momentos mais difíceis. Além do professor Dr. Regilson que por várias vezes foi prestativo, gentil e atencioso em minhas dúvidas e incertezas.

Refletindo sobre esse percurso, percebo que, se diante das dificuldades eu tivesse desistido, que muitas das vezes perpassou este último ano, não estaria hoje realizando um mestrado – um sonho que muitos colegas e familiares compartilham, mas que, por diferentes razões, nem sempre conseguem concretizar. A educação, para mim, sempre foi um caminho de transformação, e cada obstáculo superado reafirma minha crença no poder da aprendizagem e da resiliência.

Outro aspecto determinante na construção da minha identidade docente foi minha experiência como supervisora escolar. O contato direto com alunos, professores e a comunidade me fez refletir sobre meu papel na educação e sobre a importância de uma prática pedagógica consciente e comprometida. Atuar no ensino fundamental, na educação infantil e na supervisão escolar ampliou minha visão sobre os desafios diários da docência e consolidou minha compreensão sobre o impacto do cuidado na formação das crianças.

Diante dessa trajetória, percebo que minha caminhada acadêmica foi marcada por desafios e limitações, mas, acima de tudo, por superações. Cada dificuldade enfrentada me impulsionou a seguir adiante, fortalecendo não apenas minha identidade profissional, mas também minha visão sobre a educação como um espaço de transformação e possibilidades.

Perante isto, a realização da pesquisa teórica anterior trouxe desafios significativos, especialmente no que tange à interpretação e articulação das contribuições de Leonardo Boff e Paulo Freire para o contexto educacional. A vasta produção teórica desses autores exigiu uma leitura crítica e aprofundada, além de uma constante reflexão sobre como suas ideias poderiam ser aplicadas de forma concreta na prática pedagógica. A ética do cuidado, conforme apresentada por Boff, e a educação libertadora, defendida por Freire, revelam-se conceitos fundamentais para repensar a educação infantil, mas sua aplicação demanda um olhar atento às realidades das escolas e à diversidade dos contextos educacionais.

Diante desses desafios, surgiu a necessidade de um movimento itinerário que unisse a pesquisa teórica à experiência vivida. Assim, a investigação passou a incluir minha própria trajetória como docente. A mudança de abordagem não representou uma ruptura, mas sim um aprofundamento da pesquisa, permitindo que o presente estudo se tornasse mais concreto e conectado à realidade. A reflexão sobre minha experiência pessoal possibilitou ilustrar as

dificuldades e potencialidades da incorporação do cuidado na prática pedagógica, alinhando teoria e vivência, a partir da máxima descrita por Nóvoa (1991) da ação-reflexão-ação, ao debater a identidade docente.

Ao integrar a pesquisa autobiográfica ao estudo teórico, esta dissertação ampliou sua capacidade de compreender o cuidado na educação infantil de forma mais humanizada e contextualizada ao perfil profissional docente. A análise dos escritos de Boff e Freire continua sendo essencial para fundamentar a discussão, mas agora, somada à narrativa de minha trajetória docente, evidencia como os desafios da prática real dialogam com os princípios filosóficos e pedagógicos desses pensadores. Essa mudança de itinerário fortalece a ideia de que a ética do cuidado não deve ser apenas um conceito teórico, mas um princípio vivido e refletido constantemente pelos educadores.

A experiência dada pela pesquisa se revelou um caminho de autoconhecimento e crescimento, tanto intelectual quanto profissional. Durante o processo investigativo, aprofundei minha compreensão sobre a pesquisa autobiográfica e sua relevância na formação de professores, percebendo como a reflexão sobre a própria trajetória pode contribuir para uma prática pedagógica mais consciente e humanizada. A necessidade de mergulhar em referências teóricas e articular conceitos com minha vivência me levou a expandir horizontes, desenvolver um olhar mais crítico e compreender com mais profundidade a complexidade da docência e da formação continuada.

Além do crescimento acadêmico, a pesquisa impactou diretamente minha atuação profissional. A revisão da literatura e a análise crítica de minha própria história proporcionaram novas perspectivas sobre o papel do educador, destacando a importância da escuta, da empatia e do compromisso com a construção do conhecimento. A experiência como professora e supervisora já me permitia vivenciar desafios concretos da educação, mas foi através da pesquisa que passei a compreender melhor as implicações teóricas dessas vivências e a enxergar possibilidades de transformação na prática pedagógica.

Outro aspecto relevante desse processo foi o desenvolvimento da autonomia intelectual. Elaborar um estudo que articula experiências pessoais com fundamentação teórica exigiu disciplina, organização e persistência. Cada fase da pesquisa – desde a escolha do tema até a escrita final – representou um desafio que, ao ser superado, fortaleceu minha confiança e minha capacidade de investigar e produzir conhecimento.

Ao longo desse percurso, reconheci que a pesquisa acadêmica não é apenas um requisito formal para a obtenção de um título, mas um processo dinâmico e enriquecedor, capaz de transformar o pesquisador e sua prática profissional. O aprofundamento no estudo da

ética do cuidado na educação infantil, aliado à minha trajetória pessoal, reafirmou minha convicção de que a docência vai além do ensino de conteúdos, sendo também um espaço de acolhimento, desenvolvimento humano e fortalecimento da autonomia dos alunos, como podemos perceber a partir do percurso deste trabalho.

Dessa forma, concluo que a experiência da pesquisa não apenas aprimorou minha formação acadêmica, mas também ressignificou minha identidade docente, fortalecendo meu compromisso com uma educação mais reflexiva, ética e transformadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi examinar de que maneira a trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica de uma educadora pode colaborar para a valorização do auto estudo como trilha essencial na formação continuada docente. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que esse objetivo foi atingido de forma satisfatória, uma vez que as diversas fontes consultadas proporcionaram uma compreensão aprofundada sobre o papel das histórias de vida no desenvolvimento de uma prática educativa mais reflexiva e contextualizada.

Inicialmente, as discussões de autores como Nóvoa (2014) e Aguiar, Medeiros e Dantas (2016) deixaram claro que as narrativas autobiográficas não apenas permitem aos professores refletirem sobre sua trajetória profissional, mas também favorecem o fortalecimento de sua identidade docente.

No contexto da formação contínua, como destacam Brito (2021) e Rios, Almeida e Vieira (2020), essas narrativas oferecem uma oportunidade de revisão crítica das práticas pedagógicas, ajudando os professores a ressignificarem suas experiências à medida que se tornam mais conscientes de suas próprias escolhas e desafios dentro da profissão.

Ademais, o trabalho evidenciou a relevância da abordagem autobiográfica não apenas para o autoconhecimento, mas também para a análise do contexto mais amplo que influencia a atuação docente. Em consonância com o que foi proposto por Freire (2001) e Aguiar et al. (2016), as histórias de vida de professores são um ponto de partida importante, mas devem ser entendidas dentro de um processo de reflexão crítica sobre as condições socioculturais, políticas e institucionais que permeiam a prática pedagógica. Nesse sentido, a formação docente deve ser uma prática dialógica que vá além do indivíduo, levando em conta as dimensões coletivas e contextuais que impactam a atuação do professor.

A trajetória profissional e acadêmica do professor pode evidenciar a pesquisa autobiográfica ao revelar, por meio de suas experiências vividas, os sentidos e significados atribuídos à sua formação e prática docente. Esses relatos permitem compreender como saberes são construídos ao longo do tempo, destacando a formação continuada, os desafios enfrentados e os contextos que marcaram sua atuação, configurando-se como fonte rica de reflexão e produção de conhecimento sobre a própria profissão.

Outro aspecto relevante foi a análise das limitações da abordagem autobiográfica. Embora seja uma poderosa trilha de reflexão pessoal, como observa Bueno (2002), o itinerário autobiográfico, quando aplicada isoladamente, pode correr o risco de reduzir a complexidade das práticas pedagógicas a uma perspectiva excessivamente subjetiva. Portanto,

conforme também indicado por Passeggi, Souza e Vicentini (2011), a utilização desse itinerário deve ser acompanhada por outras abordagens que considerem as interações entre o professor e os diferentes fatores externos que moldam sua prática docente, como a política educacional e as condições de trabalho no ambiente escolar.

No tocante à construção da identidade docente, conforme argumentado por Carneiro, Neto e Santos (2020), é fundamental entender que essa formação não ocorre exclusivamente a partir de uma introspecção individual, mas envolve também as interações e a troca de saberes com outros profissionais da educação. A ideia de que "ninguém forma ninguém", proposta por Nóvoa (2014), corrobora a ideia de que a identidade docente é construída de forma coletiva, a partir da troca de experiências, da colaboração e da construção conjunta de conhecimento no campo educacional.

Por fim, ao concluir esta análise, é possível afirmar que as narrativas autobiográficas são um caminho valioso para a formação docente, pois oferecem aos professores uma forma de refletir sobre suas trajetórias profissionais e suas práticas pedagógicas. No entanto, é crucial que essa reflexão seja contextualizada e complementada por uma análise crítica das condições sociais, políticas e culturais que influenciam o trabalho pedagógico.

Nesse sentido, o trabalho atingiu seu objetivo ao demonstrar que, para que a formação docente seja efetiva e transformadora, é necessário integrar tanto as dimensões individuais quanto as coletivas, considerando as múltiplas influências que moldam a prática educativa.

Em consoante, as narrativas autobiográficas desempenham um papel essencial na formação contínua de professores, possibilitando uma compreensão mais profunda de sua prática pedagógica e de sua identidade profissional. Ao mesmo tempo, é fundamental que essa reflexão seja contextualizada e acompanhada de uma análise crítica das dinâmicas sociais e institucionais, garantindo uma formação docente mais integrada e consciente dos desafios contemporâneos da educação.

Em continuidade, é possível destacar que um dos aspectos mais gratificantes deste trabalho foi a oportunidade de explorar e refletir sobre a profunda conexão entre as narrativas autobiográficas e o processo de construção da identidade docente. Ao revisar diferentes abordagens e teorias sobre a formação de professores, pude perceber o quanto a prática pedagógica, muitas vezes, está enraizada nas experiências vividas pelos educadores.

O estudo das histórias de vida, como as de Aguiar, Medeiros e Dantas (2016), proporcionou uma compreensão mais sensível sobre como o passado de cada professor influencia suas decisões e comportamentos em sala de aula, tornando a educação um processo ainda mais humano e pessoal.

Outro aspecto gratificante foi perceber a relevância de um modelo formativo que não se restringe apenas ao ensino técnico ou acadêmico, mas que valoriza a dimensão subjetiva do professor. O trabalho de autores como Amaral (2024) e Brito (2021) destacou que, ao olhar para suas próprias histórias, os educadores conseguem refletir não apenas sobre o que fazem, mas sobre quem são enquanto profissionais e como suas trajetórias pessoais se entrelaçam com sua atuação no campo da educação.

Esse reconhecimento da subjetividade não é apenas um exercício de autoconhecimento, mas também uma maneira de reconfigurar a prática pedagógica, promovendo transformações significativas na forma como os educadores se relacionam com os alunos e com o próprio processo de ensino-aprendizagem.

A análise das limitações da abordagem autobiográfica também foi um ponto importante e gratificante, pois me permitiu ampliar minha visão sobre as complexidades da formação docente. Embora as histórias de vida sejam extremamente valiosas para a reflexão sobre a prática, como enfatizado por Bueno (2002) e Passaggi, Souza e Vicentini (2011), é necessário, também, ter uma visão crítica que vá além do individualismo e que integre o contexto social e político que impacta diretamente a atuação do professor. Esse ponto me proporcionou uma compreensão mais rica e completa da educação, destacando que a formação de professores deve ser multifacetada e considerar tanto o aspecto pessoal quanto às condições estruturais da educação.

Ademais, a possibilidade de cruzar diferentes fontes teóricas e observar as nuances entre elas foi outra experiência enriquecedora. O trabalho de Ferrarotti (1985) e de Nóvoa (2014) forneceu uma base sólida para entender como a história de vida de cada educador pode contribuir não apenas para o desenvolvimento da identidade profissional, mas também para a construção de um campo educativo mais inclusivo e colaborativo.

A integração dessas perspectivas teóricas com as ideias de Freire (2001) sobre a educação como um processo de diálogo e libertação foi um dos pontos culminantes deste estudo, pois fortaleceu a visão de que a formação docente deve ser entendida como um processo contínuo, que envolve tanto a reflexão pessoal quanto a interação com o outro e com a sociedade.

O processo de revisão de literatura revelou-se uma etapa particularmente enriquecedora, ao proporcionar o diálogo entre distintas abordagens metodológicas e ampliar a compreensão sobre o uso da história de vida como ferramenta investigativa na educação. As contribuições de autores como Delory-Momberger (2006) e Oliveira, Souza e Lima (2019) ofereceram uma perspectiva mais pragmática e contextualizada sobre a aplicação dessa

abordagem na formação continuada de professores, evidenciando seus desdobramentos teóricos e práticos. Essa interlocução teórica foi fundamental para aprofundar a compreensão das potencialidades e dos limites do caminho autobiográfico, permitindo uma análise crítica que contempla tanto suas contribuições para a construção da identidade docente quanto os desafios inerentes à sua implementação no campo educacional.

Por fim, o mais gratificante de todo esse processo foi perceber como a pesquisa pode ser um meio de transformação tanto pessoal quanto profissional. O estudo das narrativas autobiográficas não apenas ampliou minha visão sobre a formação docente, mas também me fez refletir sobre o meu próprio papel enquanto educador.

Ao explorar o impacto das histórias de vida na prática pedagógica, pude me conectar mais profundamente com a ideia de que a educação é um espaço de constante autoconhecimento e reinvenção. Essa descoberta foi, sem dúvida, uma das maiores recompensas deste trabalho, pois não apenas ampliou meu entendimento sobre o tema, mas também me permitiu vislumbrar um modelo de formação docente mais humanizado, reflexivo e capaz de gerar mudanças duradouras.

O interesse por esse tema – a análise das narrativas autobiográficas e sua relação com a construção da identidade docente – surgiu da minha convicção de que a educação não é apenas um processo técnico ou percurso, mas, acima de tudo, humano e pessoal. A formação de professores, para além de aspectos acadêmicos ou profissionais, envolve questões de identidade, de vivências, e de um contínuo processo de construção e reconstrução. A reflexão sobre as trajetórias pessoais dos educadores permite compreender, de forma profunda, o que os move, o que os desafia e, principalmente, como esses aspectos influenciam sua prática pedagógica.

Autores como Aguiar, Medeiros e Dantas (2016) e Amaral (2024) abordam a importância da narrativa autobiográfica para a formação continuada de professores, destacando como essa prática não só amplia o entendimento sobre o próprio fazer pedagógico, mas também oferece um olhar mais crítico sobre os processos formativos.

O interesse por esse tema está diretamente ligado à minha crença de que, ao examinar a história de vida de cada professor, é possível alcançar uma compreensão mais rica de sua prática, contribuindo para o desenvolvimento de uma formação docente mais consciente, mais engajada e mais capaz de lidar com os desafios da profissão.

Além disso, a relevância desse tema também se relaciona com a necessidade de humanizar a educação e os processos formativos. Em um contexto educacional que, muitas vezes, prioriza resultados objetivos e mensuráveis, é fundamental que o professor tenha

espaço para refletir sobre sua própria trajetória, sobre as experiências que formaram sua identidade, e sobre o impacto dessas experiências na sua prática pedagógica.

Nesse sentido, os estudos de Brito (2021), Passaggi, Souza e Vicentini (2011), e Bueno (2002) reforçam a ideia de que as histórias de vida oferecem uma abordagem única para essa reflexão, pois permitem que o educador compreenda como sua experiência pessoal molda sua visão de mundo e, consequentemente, sua maneira de ensinar.

O foco nesse tema também é importante porque ele nos ajuda a entender que a identidade docente não é algo estático, mas um processo contínuo, alimentado pelas vivências e experiências de cada educador ao longo da sua trajetória profissional. O estudo das histórias de vida nos permite perceber as dinâmicas de construção e desconstrução da identidade docente, como enfatizado por Nóvoa (2014).

Ele aponta que a formação docente, ao ser pensada como um processo de reflexão contínua sobre a própria trajetória, não só fortalece o desenvolvimento da identidade do professor, mas também cria um espaço para a inovação e a renovação da prática pedagógica (Nóvoa, 2014). Ao refletir sobre suas experiências, os professores podem se tornar mais conscientes de sua prática, ajustando-a para atender às necessidades de seus alunos e ao contexto educacional em constante mudança.

Outro aspecto importante, que revela o quanto esse tema é relevante para a formação de professores, é a crítica que ele oferece às abordagens tradicionais de formação. Embora as estradas convencionais, focadas em conteúdos e técnicas específicas, sejam essenciais, elas podem ser insuficientes para promover o desenvolvimento completo do educador.

Como defendido por Freire (2001), a educação deve ser um processo de diálogo e troca constante, e isso inclui a reflexão sobre o eu, sobre a prática e sobre os desafios que surgem ao longo da trajetória profissional. Ao incorporar as narrativas autobiográficas como um caminho de formação, a educação torna-se mais flexível, mais atenta às necessidades e realidades dos professores, e mais aberta ao processo de aprendizagem contínuo.

O processo de revisão de literatura revelou-se uma etapa particularmente enriquecedora, ao proporcionar o diálogo entre distintas abordagens metodológicas e ampliar a compreensão sobre o uso da história de vida como ferramenta investigativa na educação. As contribuições de autores como Delory-Momberger (2006) e Oliveira, Souza e Lima (2019) ofereceram uma perspectiva mais pragmática. Por fim, o interesse por este tema representa uma tentativa de articular dimensões subjetivas e coletivas na compreensão da formação de professores, reconhecendo que a prática pedagógica está inevitavelmente entrelaçada às condições sociais, culturais e históricas que a atravessam.

Como apontam Delory-Momberger (2006) e Ferrarotti (1985), as histórias de vida ultrapassam o âmbito do relato pessoal, configurando-se como instrumentos valiosos para a análise de fenômenos coletivos que incidem diretamente sobre a educação. Assim, pensar a formação docente sob essa ótica implica adotar uma perspectiva holística, que valorize as experiências singulares dos educadores sem perder de vista os contextos estruturais que moldam suas práticas e identidades.

Trata-se, portanto, de um convite à escuta sensível e à construção de saberes comprometidos com uma educação mais reflexiva, crítica e humanizada, e contextualizada sobre a aplicação dessa abordagem na formação continuada de professores, evidenciando seus desdobramentos teóricos e práticos. Essa interlocução teórica foi fundamental para aprofundar a compreensão das potencialidades e dos limites do caminho autobiográfico, permitindo uma análise crítica que contempla tanto suas contribuições para a construção da identidade docente quanto os desafios inerentes à sua implementação no campo educacional.

A relevância desse tema, portanto, vai além de uma simples curiosidade acadêmica. Ele é fundamental para promover uma formação de professores mais reflexiva, mais consciente e, sobretudo, mais humana, que valorize as histórias de vida como um percurso potente para transformar tanto a educação quanto os próprios educadores. Através dessa reflexão contínua, os professores podem se tornar mais preparados para enfrentar os desafios do cotidiano escolar, construindo uma prática pedagógica que seja, ao mesmo tempo, eficaz e sensível às necessidades dos alunos e à dinâmica social em que estão inseridos.

A formação de professores é, sem dúvida, um processo contínuo, que envolve tanto o aprimoramento técnico quanto o desenvolvimento de uma identidade docente sólida, reflexiva e crítica. A educação não pode ser vista apenas como a transmissão de conteúdos ou a execução de práticas pedagógicas já estabelecidas.

Ao contrário, ela deve ser encarada como um espaço de constante renovação, de transformação e, acima de tudo, de humanidade. As histórias de vida e as narrativas autobiográficas representam o elo entre essas diversas dimensões da formação docente, permitindo ao educador não apenas entender sua trajetória, mas também repensá-la, transformando-a em um poderoso instrumento de aprendizagem e auto aperfeiçoamento.

Os estudos abordados ao longo deste trabalho demonstram que a reflexão sobre a própria história de vida não só fortalece a identidade docente, mas também a torna mais consciente e significativa. Autores como Nóvoa (2014) e Brito (2021) nos mostram que os professores, ao mergulharem nas narrativas de suas experiências, são capazes de reconstituir

suas práticas e entender como os fatores sociais, culturais e históricos influenciam suas ações pedagógicas.

Esse processo de autoconhecimento é essencial para o desenvolvimento de um profissional mais capaz de lidar com as complexidades do cotidiano escolar, mais sensível aos desafios que surgem em sua prática e, ao mesmo tempo, mais engajado com os aspectos coletivos e sociais que envolvem sua profissão.

É importante, porém, que esse processo não seja visto como algo isolado. A formação docente não se dá exclusivamente por meio de uma introspecção individual, mas, sim, em um diálogo constante entre o sujeito e os contextos nos quais ele está inserido. Conforme apontado por Aguiar, Medeiros e Dantas (2016), a reflexão sobre as próprias experiências deve ser entendida como um meio de compreensão mais profunda do mundo e da prática pedagógica, tendo como base as relações sociais e culturais que afetam diretamente o trabalho docente. A identidade do professor não é uma construção individualista, mas algo que se dá no encontro com os outros, com os alunos, com os colegas de trabalho e com a comunidade escolar.

Além disso, é fundamental que os educadores percebam a importância de assumir o controle de sua própria formação, como sugerido por Freire (2001). A formação não deve ser imposta, mas construída de forma conjunta, com base nas necessidades reais dos professores e nas particularidades dos contextos educacionais em que atuam.

Quando os professores se reconhecem como protagonistas de sua formação, eles se tornam mais aptos a questionar os modelos preestabelecidos e a criar alternativas pedagógicas mais alinhadas com suas próprias experiências e com as realidades dos alunos.

A formação continuada de professores, então, precisa ser pensada a partir de uma perspectiva mais ampla, que não negligencie a subjetividade e as histórias pessoais dos educadores, mas que também leve em conta as condições objetivas que determinam a prática pedagógica. Os estudos de Carneiro, Neto e Santos (2020) e de Passaggi, Souza e Vicentini (2011) reforçam essa ideia, apontando que a história de vida do professor deve ser vista como um ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre a profissão, sem perder de vista as questões estruturais que afetam o sistema educacional.

Ao integrar as narrativas autobiográficas no processo de formação docente, é possível abrir espaço para uma educação mais humanizada, que compreenda o sujeito em sua totalidade, valorizando suas experiências e perspectivas. Isso contribui não apenas para a melhoria das práticas pedagógicas, mas também para a construção de uma educação que seja mais próxima da realidade dos alunos, mais sensível às suas necessidades e mais

comprometida com a transformação social. Em um mundo em constante mudança, a formação de professores deve ser dinâmica, aberta a novas abordagens e capaz de se adaptar às transformações sociais e culturais.

Entretanto, é preciso reconhecer também as limitações dessa abordagem. Conforme discutido por Delory-Momberger (2006), embora a pesquisa autobiográfica represente uma poderosa jornada de autoconhecimento e reflexão, ela não deve ser compreendida como substituta de outras metodologias que considerem a complexidade do trabalho docente em sua totalidade. A formação de professores exige, portanto, um equilíbrio entre a introspecção e a análise crítica das condições sociais, culturais e políticas que influenciam a educação. Trata-se, portanto, de um convite à escuta sensível e à construção de saberes comprometidos com uma educação mais reflexiva, crítica e humanizada.

É por meio da combinação dessas abordagens que se pode atingir uma formação docente mais eficaz e mais inclusiva, capaz de preparar os educadores para lidar com os desafios contemporâneos da educação. A estrada autobiográfica, quando utilizada de forma integrada com outras práticas pedagógicas e reflexivas, oferece uma oportunidade única para os professores se conectarem com sua própria identidade, ao mesmo tempo em que ampliam sua compreensão sobre o mundo e sobre as necessidades de seus alunos.

O desafio, portanto, é construir uma formação docente que valorize tanto a história individual do educador quanto o contexto coletivo em que ele atua. Isso exige uma constante atualização das estradas e das práticas pedagógicas, alinhando os saberes pessoais e profissionais com as demandas do ensino e da aprendizagem. Quando o professor se reconhece como sujeito ativo da sua formação, ele se torna mais capaz de transformar sua prática pedagógica e de contribuir para a construção de uma educação mais justa e democrática.

Essa reflexão não é apenas um exercício teórico ou acadêmico, mas uma prática fundamental para a qualidade da educação. A partir do momento em que os educadores conseguem olhar para suas próprias trajetórias com mais clareza, compreender seus desafios e sucessos, e conectar esses aspectos com as necessidades de seus alunos, eles se tornam mais aptos a criar um ambiente de aprendizagem mais significativo e transformador.

Portanto, a análise das narrativas autobiográficas na formação docente não é apenas uma questão travessia, mas uma necessidade prática. Elas oferecem aos educadores as jornadas para refletir sobre si mesmos, entender melhor suas práticas e, principalmente, ressignificar o papel da educação na sociedade. O processo de formação docente, ao incorporar essas abordagens, se torna mais complexo, mais humano e mais eficaz.

Concluindo, o estudo das histórias de vida e das narrativas autobiográficas na formação de professores não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também fortalece o compromisso dos educadores com o desenvolvimento contínuo e com a transformação social.

Ele nos lembra, a cada reflexão, que a educação não é apenas um ato técnico, mas um ato profundamente humano, que envolve o reconhecimento das histórias de vida e das trajetórias individuais de cada professor. Essa visão é fundamental para construir uma educação mais inclusiva, justa e transformadora, que seja capaz de enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Neste sentido, espero que este trabalho tenha contribuído para a reflexão sobre a importância das narrativas autobiográficas na formação de professores, ressaltando sua relevância para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social. O futuro da educação depende de como olhamos para nossas próprias histórias e para as histórias daqueles com quem compartilhamos o espaço educacional. E é por meio dessa reflexão contínua que podemos, de fato, transformar a educação e, conseqüentemente, a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira; MEDEIROS, E.; DANTAS, Amélia Ferreira. **Histórias de si:** narrativas da formação continuada de professores do/no Curso de Pedagogia/PARFOR. *Revista de Formação Docente*, v. 9, p. 233-254, 2016. Disponível em: https://consensus.app/papers/histórias-de-si-narrativas-da-formação-continuada-de-aguiar-me-deiros/e0c20d902e5e54b2af2559f5142f29d6/?utm_source=chatgpt. Acesso em: 10 mar. 2025.
- AMARAL, Leandra de Lourdes Rezende. **Narrativas autobiográficas e a construção da identidade docente**. 2024. Disponível em: monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7306/5/MONOGRAFIA_NarrativasAutobiográficasConstrução.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1958.
- BARBOSA, Raquel M. B.; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Escrita de si e formação docente:** contribuições da abordagem (auto)biográfica. Educação & Sociedade, Campinas, v. 41, 2020.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- BRITO, Antonia Edna. **RESSONÂNCIAS DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES**. Revista Práxis Educacional, v. 17, n. 44, p. 282-298, 2021.
- BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores:** a questão da subjetividade. Educação e pesquisa, v. 28, p. 11-30, 2002.
- CAVALCANTE, L.T.C; OLIVEIRA, A.A.S. **Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos**. Psicol. rev., Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v26n1/v26n1a06.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2025.
- CARNEIRO, R. S., NETO, J. P., & SANTOS, M. A. **A história de vida como método de investigação na educação:** reflexões sobre a formação docente. *Revista Brasileira de Educação*, 25(1), 1-20. 2020.
- CORREIA DE OLIVEIRA, L. C., ALMEIDA, M. I., & SILVA, R. M. **A utilização da história de vida na formação de professores de educação física:** um estudo de caso. *Revista Movimento*, 25(2), 345-360. 2019.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e experiência:** ensaios sobre a história de vida como projeto educativo. São Paulo: Paulus, 2016.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização:** os ateliês biográficos de projeto. Educ. Pesqui. [online]. 2006, vol.32, n.02 [citado 2025-02-14], pp.359-371.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DELORY-MOMBERGER, C. **A pesquisa biográfica ou as histórias de vida como método.** *Educação & Sociedade*, 27(94), 419-439. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Maria Aparecida S. **A importância da brincadeira no desenvolvimento infantil.** São Paulo: Editora X, 2023.

NÓVOA, António. **Os professores: identidades e trajetórias.** São Paulo: Cortez, 2022.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação.** 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 143-175.

NÓVOA, Antonio. **A formação contínua de professores: realidades e perspectivas.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, M. S., SOUZA, E. C., & LIMA, R. C. **A história de vida como ferramenta de formação continuada de professores.** *Revista Educação em Questão*, 57(54), 123-140. 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Narrativas (auto)biográficas e pesquisa: epistemologias e metodologias.** Natal: EDUFRRN, 2021.

PASSEGGI, M. C., SOUZA, E. M., & VICENTINI, P. P. **Histórias de vida de professores: entre a experiência e a formação.** *Educação & Realidade*, 36(2), 567-586. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

RIOS, P.; ALMEIDA, Suzzana Alice Lima; VIEIRA, André Ricardo Lucas. **Narrativas (Auto)Biográficas de Estágio em Educação Infantil: Ensino e Pesquisa na Formação Docente.** *Revista Brasileira de Educação Infantil*, v. 9, p. 260-282, 2020. Disponível em: https://consensus.app/papers/narrativas-autobiograficas-de-estagio-em-educacao-rios-almeida/803d8204aede5678bb6b894a994ad09c/?utm_source=chatgpt. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; CARVALHO, Wallysson de Oliveira; ARAÚJO, Welitemara da Silva. **“O Melhor Esporte do Mundo é Caçar Negros”?** Geografia, Formação de Professores e Pesquisa (Auto)Biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, p. 129-147, 2021. Disponível em:

https://consensus.app/papers/“-o-melhor-esporte-do-mundo-é-caçar-negros-”-geografia-santos-carvalho/d467aef7b5c25f0f8fd8b552a9db4b24/?utm_source=chatgpt. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, A. L., & SOUZA, M. A. **Abordagem autobiográfica na formação de professores:** reflexões sobre prática docente e identidade profissional. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 22(3), 45-67. 2022.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, S. **A metodologia biográfica na pesquisa educacional:** potencialidades e desafios. *Educação & Pesquisa*, 45, e2021001. 2019.

APÊNDICE A- PRODUTO EDUCACIONAL: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DOCENTE!

Introdução

Este guia de estudos tem como objetivo proporcionar um entendimento profundo sobre o papel das narrativas autobiográficas na formação docente. As histórias de vida têm se mostrado uma trilha poderosa para a reflexão e desenvolvimento da identidade profissional do educador, oferecendo uma perspectiva mais ampla sobre o processo formativo e suas implicações na prática pedagógica. Aqui, abordaremos conceitos fundamentais, metodologias, autores-chave e sugestões de atividades para aplicar o estudo das histórias de vida no contexto da educação.

1. O que são Narrativas Autobiográficas?

Definição:

As narrativas autobiográficas referem-se aos relatos que um indivíduo faz sobre sua própria vida, destacando experiências significativas que influenciam seu desenvolvimento pessoal e profissional. No campo da educação, essas narrativas tornam-se um instrumento essencial para que os educadores reflitam sobre sua trajetória, suas escolhas pedagógicas e sua identidade profissional.

Características principais:

- **Subjetividade:** Relatos baseados nas experiências pessoais.
- **Reflexão:** Processo de revisão e reinterpretação das vivências.
- **Construção de identidade:** As narrativas ajudam os educadores a compreenderem como sua trajetória de vida impacta sua prática pedagógica e sua identidade como professor.

2. A Importância das Histórias de Vida na Formação Docente

Reflexão e Autoconhecimento:

Segundo Nóvoa (2014), a formação de professores não é um processo técnico, mas envolve reflexão sobre os próprios percursos de vida. As histórias de vida proporcionam ao educador a oportunidade de conhecer a fundo suas experiências, desafios e sucessos, o que contribui para um ensino mais consciente e inovador.

Ressignificação da Prática Pedagógica:

A partir do momento que os educadores compartilham suas narrativas, surgem novas maneiras de olhar para as práticas pedagógicas. Brito (2021) e Amaral (2024) discutem que as narrativas autobiográficas permitem uma reinterpretação das metodologias de ensino, ajustando-as às realidades vividas pelos próprios professores.

Valorização da Subjetividade no Processo Educacional:

De acordo com Passeggi, Souza e Vicentini (2011), as narrativas autobiográficas fortalecem a ideia de que o processo de formação docente deve estar imerso na subjetividade dos educadores, considerando suas vivências e histórias individuais, sem desconsiderar as influências sociais e culturais.

3. Projeto das Narrativas Autobiográficas

Autoanálise e Reflexão Crítica:

A travessia da história de vida exige uma análise crítica e reflexiva do educador sobre sua trajetória pessoal e profissional. Essa prática pode ser realizada por meio de entrevistas, diários de campo ou até mesmo relatos escritos. Delory-Momberger (2006) enfatiza que, ao utilizar essa travessia, o educador consegue elaborar um entendimento mais profundo sobre o impacto de suas escolhas pedagógicas.

A escrita como trilha de auto expressão e transformação:

A escrita das histórias de vida se torna um caminho para a transformação, pois

permite ao educador revisitar sua prática, repensar suas abordagens e adotar novas perspectivas. Ferrarotti (1985) aponta a importância da escrita como uma trajetória para a construção de conhecimento, através da qual o educador elabora novas formas de ensino.

Desafios:

Apesar de ser uma travessia rica, a pesquisa autobiográfica enfrenta desafios, como a subjetividade excessiva e a dificuldade de generalizar os resultados para contextos mais amplos. No entanto, como Weber (2019) sugere, esses desafios podem ser superados quando se adota uma abordagem crítica e contextualizada.

A abordagem auto biográfica tem se consolidado como um recurso significativo na pesquisa em educação, sobretudo por permitir a compreensão profunda das trajetórias formativas dos sujeitos. No entanto, seu uso impõe uma série de desafios que exigem atenção do pesquisador, como por exemplo, um dos principais entraves é a subjetividade intrínseca às narrativas autobiográficas, uma vez que estas se baseiam na memória, nos afetos e nas interpretações individuais de experiências vividas.

Essa subjetividade, embora constitua a riqueza da abordagem, pode dificultar a validação dos dados e a construção de inferências mais amplas (Delory-Momberger, 2016). Além disso, o envolvimento emocional tanto do narrador quanto do pesquisador é um aspecto relevante. Reviver experiências pessoais pode mobilizar lembranças dolorosas ou sensíveis, demandando uma postura ética cuidadosa, empática e reflexiva por parte do pesquisador (Passeggi; Abrahão, 2021).

Nesse sentido, surgem também os desafios éticos relacionados à confidencialidade, ao uso das narrativas e à preservação da identidade dos sujeitos, o que exige consentimento informado e compromisso ético ao longo de todo o processo (Josso, 2010). Outro ponto crítico está na fragilidade do caminho com que, por vezes, a abordagem é aplicada. Muitos pesquisadores enfrentam dificuldades para delimitar categorias de análise e garantir o rigor interpretativo necessário à leitura das narrativas. A análise dos relatos autobiográficos não pode se reduzir à reprodução literal das histórias, mas deve ser conduzida à luz de referenciais teóricos sólidos e articulada com contextos socioculturais mais amplos (Nóvoa, 2022).

Isso exige do pesquisador uma formação teórica consistente e uma postura hermenêutica sensível. Além disso, há ainda o desafio da produção das narrativas. Muitos participantes, especialmente quando são professores em exercício, podem não dispor de

tempo, nem se sentir familiarizados com a escrita reflexiva, o que impacta diretamente na qualidade e profundidade dos relatos (Barbosa; Passeggi, 2020).

Em contrapartida, a abordagem autobiográfica requer não apenas sensibilidade e ética, mas também rigor, caminho, cuidado na interpretação e um compromisso com a escuta das experiências humanas como parte fundamental da construção do conhecimento educacional.

4. Benefícios das Narrativas Autobiográficas na Formação Docente

Desenvolvimento da Identidade Profissional:

As narrativas autobiográficas ajudam os professores a reconhecerem e valorizarem sua trajetória, contribuindo para a construção de uma identidade docente mais forte e segura. Aguiar, Medeiros e Dantas (2016) explicam que ao contar suas histórias, os professores podem refletir sobre o papel que desempenham na educação e suas contribuições para a transformação social.

Autonomia na Formação Docente:

Através da autoanálise das próprias histórias, os educadores tornam-se mais autônomos no processo de sua formação, compreendendo suas próprias necessidades e interesses. Freire (2001) já defendia a ideia de que a formação docente deve ser um processo ativo, em que o educador tem controle sobre seu aprendizado e desenvolvimento.

Relação entre História Individual e Contexto Social:

As histórias de vida também permitem que o educador relate sua experiência pessoal com o contexto social e político em que está inserido. Santos, Carvalho e Araújo (2021) destacam que, ao compreender como suas vivências se conectam com o contexto escolar, o educador pode se posicionar de maneira mais crítica e propositiva em sua prática pedagógica.

5. Aplicando as Narrativas Autobiográficas na Formação Docente

Atividades Práticas:

- Diários Reflexivos: Incentive os educadores a manterem um diário de reflexões sobre suas práticas pedagógicas, destacando momentos significativos e como esses momentos podem ser interpretados a partir de suas histórias de vida.
- Entrevistas com Colegas: Promova a troca de histórias entre professores, criando um espaço de escuta mútua que possa enriquecer a compreensão sobre as diversas experiências no contexto educacional.
- Leitura e Discussão de Histórias de Vida: Organize encontros de leitura de histórias de vida de professores, proporcionando discussões sobre como as experiências compartilhadas podem inspirar novas práticas pedagógicas.

6. Desafios e Limitações do Uso de Narrativas Autobiográficas

Embora as histórias de vida tragam inúmeros benefícios para a formação docente, existem desafios que precisam ser considerados. A subjetividade das narrativas pode, por vezes, dificultar a aplicação de conclusões amplas a diferentes contextos educacionais. Além disso, o foco na experiência individual pode limitar a análise das questões coletivas que afetam a educação como um todo.

É importante que os educadores, ao utilizarem esse percurso, também se atentem para os aspectos sociais, políticos e históricos que moldam suas práticas. Piaget (1976) já alertava para a necessidade de considerar o contexto no qual as práticas de ensino se inserem, a fim de que a formação docente seja verdadeiramente transformadora.

7. Considerações Finais

A utilização das narrativas autobiográficas como trajetória na formação docente é, sem dúvida, uma prática enriquecedora, que favorece a reflexão, o autoconhecimento e o fortalecimento da identidade profissional do educador. Ao explorar suas histórias de vida, os professores têm a oportunidade de reconfigurar suas práticas pedagógicas e repensar seu papel dentro da escola e da sociedade.

Este guia busca não só esclarecer os benefícios e desafios desse processo, mas também proporcionar aos educadores uma base sólida para utilizar as histórias de vida de forma crítica e consciente. As histórias de vida não são apenas relatos pessoais; são espaços de

aprendizagem, de transformação e de constante aperfeiçoamento. Portanto, ao utilizar esse instrumento, o professor se coloca como protagonista de sua própria formação, capaz de refletir sobre sua trajetória e de construir, a partir dela, novas formas de ensinar, mais significativas e alinhadas com as necessidades da sociedade.

Por fim, ao integrar as narrativas autobiográficas na formação docente, podemos criar um ambiente educacional mais humano, mais reflexivo e mais comprometido com a transformação social. A formação de professores é, portanto, um caminho que deve ser trilhado de forma contínua, com base na reflexão sobre o passado, as escolhas feitas e o futuro que se deseja construir para a educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira; MEDEIROS, E.; DANTAS, Amélia Ferreira. *Histórias de si: narrativas da formação continuada de professores do/no Curso de Pedagogia/PARFOR*. Revista de Formação Docente, v. 9, p. 233-254, 2016.

AMARAL, Leandra de Lourdes Rezende. **Narrativas autobiográficas e a construção da identidade docente**. 2024.

BRITO, Antonia Edna. **Ressonâncias de Narrativas Autobiográficas na Formação Continuada de Professores**. Revista Práxis Educacional, v. 17, n. 44, p. 282-298, 2021.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, M. C., SOUZA, E. M., & VICENTINI, P. P. **Histórias de vida de professores: entre a experiência e a formação**. Educação & Realidade, 36(2), 567-586, 2011.